

NA FLOR DA IDADE

(Estórias de infâncias e adolescências)

TÍTULO		PAG
1.	O crido e o havido	
2.	O rio do esquecimento	
3.	O enterro da cigarra	
4.	Minha vida de cachorro	
5.	Um anjo louro	
6.	Dois meninos	
7.	Um dia na vida de Yuri N.	
8.	Garoto em viagem	
9.	Menina de tranças	
10.	Afinidades eletivas	
11.	Miniscelânea	
12.	Eu sou assim	
13.	Viagem inventada no feliz	
14.	As calças do Judas	

O crido e o havido

Do justo o certo, do certo o crido, do crido o havido. [...] Pois então o senhor mesmo me diga: o que foi que ele foi fazer? Que saiu daqui, em encoberto, na vagueação, por volver meses, mas com ponto de destino... (J. Guimarães Rosa – O Cara de Bronze)

Meu nome é Antônio, mas meu médico, não sei bem porque, resolveu me apelidar de Porfírio. Ou melhor, eu no começo nem sabia de onde vinha tal apelido, mas quando descobri, achei até bem-posto. Depois eu explico. Tudo começou há uns bons anos atrás. Eu era moço e aliás muito bem disposto para cuidar das coisas que meu pai, que Deus o tenha, me deixou. Umás terras, algum gadinho e a esperança que as coisas sempre iam melhorar, com a chuva, com a sorte, e mais o trabalho de quem nisso bota fê.

Eu tinha tudo, mas um dia me faltou o que não podia faltar: um pouco de sorte. Quem é que manda no corpo da gente? Esta máquina complicada com seus mil nervos, músculos, juntas, tripas, sangue, este sarapatel que se ajunta dentro da gente e que só os médicos – e muitas vezes nem eles – dão conta. Para não falar do que encobre tudo isso, a pele, que parece um para-raios, sempre a recolher as influências de fora e de dentro da gente. Cruzes!

Mas eu dizia: eu era moço e o balaio da minha vida, com suas tantas laranjas, andava cheio até as bordas. Levantava cedo, ia para a lida no campo e voltava para casa já na boca da noite, lamentando que o dia

fosse tão curto. Porque, para mim, de bom tamanho estaria até se fosse maior. Mas um dia comecei a notar que a pele me ardia além da conta, parecendo que correram uma lima das grossas em cima de mim, total. Efeito do sol achei que não fosse, porque desde criancinha o que mais fazia era receber seus raios chapados nos braços, na testa, na nuca, onde quer que fosse terreno deixado a descoberto. E não parou nisso, comecei também a botar bolhas por todas essas partes. E essas não doíam, mas vazavam ao ponto de me enxargar a camisa e fazer grude. Até eu tinha nojo. Tentei andar coberto, camisas de mangas longas, lenços no pescoço. Fiquei parecendo uma freira – ou alguma mulher das estranjas, nem sei. Mas aí o calor me matava; eu não dava conta de andar daquele jeito pelo dia a fora. O jeito era ir ao médico. E fui.

Doutor Hermógenes me recebeu muito bem. Ele era especialista em doenças da pele e eu já fui direto nele, decidido a não perder tempo com intermediários. Ficou me examinando uma hora inteira, usou até uma lente para escarafunchar melhor, raspando aqui e ali com uma espécie de faquinha. Era um cara atencioso, de um tipo que é difícil se encontrar hoje em dia, principalmente entre os médicos. Pediu um tantão de exames, de sangue, de urina e até mesmo da farofinha que ele me recolheu na pele com sua raspadeira. Quando voltei uns dias depois, para ver o resultado de tudo, ainda pediu mais um monte de testes. Eu já estava quase desistindo daquilo. Mas na terceira vez que lá fui, me disse que tinha uma boa notícia: havia um diagnóstico. Mas que eu não me animasse muito, pois havia coisa ruim também: aquilo era uma doença sem cura.

- *Mas sossegue, meu rapaz, você pode controlar isso aí com bons cuidados com seu corpo.*

E assim me explicou tudo, tim-tim por tim-tim. Era tão complicado que eu nem sei contar direito, uma doença do sangue, mas não dessas que a gente pega quando leva uma má vida, ele me tranquilizou. Havia qualquer coisa errada com a minha *emo-não-sei-o-quê*, que tinha uma química atrapalhada – foi o que entendi. Havia ali uma coisa alterada, parece que o ferro. Eu nunca soube que dentro da gente tinha um metal assim, cruzeiros! Aquilo era genético, me veio como herança de família.

Miséria, pensei, nunca tive pai ou parente rico para deles herdar alguma coisa e me vem uma porqueira dessas. E mais, que aquilo me impedia de me expor ao sol e tudo o que se podia fazer era evitar isso, ao máximo. O nome da tal quizumba era porfiria. E foi assim que ele me botou o apelido de que falei antes.

Não. Não gosto de apelidos, mas aquele doutor Hermógenes era tão gente boa que acabei aceitando aquilo. E quando eu ia visitá-lo, já na porta do consultório me chamava, alto, para todo mundo ouvir: - *Porfírio Belizário de Albuquerque!* Eram meus sobrenomes verdadeiros – e eu bem que achava graça naquilo. Mas tinha aquela coisa ruim, que era passar o

resto de minha vida coberto, como um monge – ou freira – penitente. Além de usar na pele, por obrigação, uma montoeira de cremes que iriam acabar fazendo de mim um tipo de rosca ou sonho de padaria. Mas me conformei, era o caso, de fato, de arranjar um jeito de mudar minha vida.

A primeira coisa que fiz foi desistir de ser fazendeiro. Como é que eu podia olhar gado no pasto e gente no eito sem poder sair ao sol? Tive sorte, sem que eu esperasse apareceu um sujeito que me comprava tudo, por um bom preço. Depois descobri que quem levou a melhor foi ele mesmo, ou a empresa em que ele trabalhava, porque aquelas terras estavam perto demais da cidade e iam fazer ali um desses condomínios para o povo endinheirado. Mas aí já era tarde e não me chateeí demais, pois precisava ajeitar minha vida também. Comprei uma casa na cidade e fui viver minha sina de prisioneiro, ou de pessoa temente, vejam só, não a Deus, mas aos raios do sol. Se eu insistia em sair de casa a irritação da pele e as bolhas só pioravam. Foi assim que decidi me aquietar de vez.

Mas sempre me dava a sapituca de querer sempre saber notícias do mundo lá fora. Foi então que me apareceu o Ivo. Ele, nos seus dezesseis ou dezessete anos, era meu vizinho de rua, sujeito curioso, sempre dava com ele me espiando por cima do muro, mesmo eu todo o tempo dentro de casa. Um dia perguntei: - *quer trabalhar para mim?* Ele parecia já ter a resposta pronta. Antes que eu acabasse de perguntar já me veio com um sim de todo tamanho. Nem quis saber que tipo de tarefas eu tinha para ele. Aliás, nem eu sabia muito ao certo. Mas para começar mandei ele ir até o doutor Hermógenes para ver se ele tinha alguma novidade em relação ao meu tratamento. Voltou meia hora depois: - *O doutor disse que não tem nada de novo por enquanto. Mas parece que não era para o senhor o recado, falou de um tal de Porfírio.*

Agradei, rindo por dentro do engano. Mas o diabo do rapaz fez um acréscimo que me fez rir mais ainda: - *Mas deixa eu lhe contar uma coisa, moço. Peguei ele fazendo uma coisa esquisita. Resolvi espiar pela janela e ele estava com uma mulher, a saia dela levantada até a cintura e ele espiava as pernas dela com uma lente deste tamanho...* Expliquei para ele o que era um dermatologista e como este tipo de médico trabalhava. Mas o Ivo não pareceu botar muita fé em minha conversa. Deixei para lá.

A tarefa seguinte foi mandá-lo ao mercado, com uma lista de compras. O diabo parecia ter asas nos pés, voltou menos de uma hora depois, com o pacote nos ombros e mais novidades: - *O senhor sabia que estão vendendo carne de cavalo por lá? Vi também umas pelancas que para mim eram de algum cachorro morto. Pois é, estão vendendo... Deus do céu.*

Era o caso de se botar fé naquilo? Mas nos dias seguintes as novidades continuaram. Mandeí-o a Prefeitura, para pegar as guias de imposto da casa: - *O Prefeito vendeu o prédio e se mudou da cidade. Levou o cofre e a mulher do vereador junto.* Quando passou pela porta da Igreja: - *O padre não está mais lá. Largou a batina e foi casar.* No Fórum, para pegar uma

certidão: - *O senhor sabia que agora pode casar mulher com mulher e até homem com homem?* E mais: - *Dizem que vai vir uma chuvarada forte, com trovoada batida e uma ventania doida, com um tanto de areia pra cima de nós. Estão falando que é o caso de nós tudo se mudar daqui.*

Acabei por ficar um tanto irritado com tanta imaginação. Evidentemente aquilo tudo só podia ser mentira. Mas para uma pessoa reclusa como eu, sem poder sair de casa, sem maior contato com o mundo, seria até divertido. Aí comecei a querer que ele passasse a me trazer qualquer novidade que acontecesse nos quatro cantos da cidade.

- *Um homem xingou um Santo lá na vila e então se abriu debaixo dele um buracão de todo tamanho e ele agora está lá pedindo pelo amor de Deus para tirarem ele.*

- *O ‘Ebezener’, dono da igreja dos crentes, botou fogo no salão lá deles e deu um tiro na cabeça em seguida.*

- *A mulher do motorista do ônibus da escola ficou com ciúme e cortou os documentos dele com uma faca. Tá presa agora.*

- *Dizem que lá na prainha agora pode nadar pelado. E tá cheio de gente para apreciar aquilo. E já deu até polícia lá para vigiar o povo.*

- *Tem um montão de gente chegando de um lugar que eles nomeiam de Valenzuela, parece que tá todo mundo com fome, querendo tomar as coisas da gente.*

Aquele ali, sem dúvida, sabia de coisas além da conta. Ouvia o galo cantar, mas não sabia aonde – e nem se era galo mesmo. E as novidades não paravam de chegar, em verdadeira enxurrada. Eu me divertindo.

Um dia: - *Encontrei o Doutor Hermógis na rua e ele me disse que descobriram um remédio danado de bom para o senhor. Vai lhe curar.*

Seria bom se fosse verdade, mas eu já estava conformado, com aquela doença e com a companhia daquele patife. Além disso, não era questão de acreditar nas lorotas que aquele sujeitinho me trazia. Era diversão mesmo, deixei correr. Afinal, mais vale uma alegria de quando em vez do que uma vida atolada em seriedade bovina. Já me basta a falta que o bom sol me faz.

O Rio do Esquecimento

Meu Tio e amigo. Hoje me dei conta que a minha vida tinha que mudar. Saí de casa sem saber para onde ir. Por sorte tinha algum dinheiro. Fui para a Rodoviária e por ali vaguei, por horas a fio. Cheguei ainda com a

manhã fresca e por ali fiquei até a noite. Procurava um lugar para ir, se afastar de lembranças ruins, de uma vida que me trouxe tanto desgosto, nestes meus vinte anos. Eu, de fato, não sabia para onde ir, queria um lugar bem longe, afastado daqui, para nunca mais voltar. Na bilheteria tive o ímpeto de pedir uma passagem para o esquecimento, se isso fosse possível. Mas de toda forma ficou tarde para voltar atrás, pode acreditar, Tio.

Os ônibus para as cidades mais distantes só saíam à noite e vi que havia uma saída às 20 horas, para uma noite inteira de viagem. Que fosse sem volta! A vontade de me mandar era tão grande que a fome não me importou em anda. Naquele dia não comi nada a não dois pastéis e um caldo de cana como almoço, aliás, almoço e jantar. Era o que me bastava.

Tive sorte, dentro do ônibus, por não ter ao meu lado qualquer companhia. Eu tinha receio e medo e cheguei mesmo a pensar que alguém mais próximo de mim poderia me adivinhar os pensamentos. Mas mesmo tendo a poltrona dupla ao meu dispor, nem por isso consegui dormir razoavelmente. Passei aquela noite me mexendo inquieto, desci em todas as paradas para tomar café e assim assisti o dia amanhecer, sem que isso me aliviasse os incômodos.

E assim, finalmente, cheguei ao destino que escolhi. Mas não era ali que eu pretendia me deter, queria seguir a diante, ganhar distância daquilo que tanto me perturbava. Vaguei por alguns momentos na detonada estação rodoviária, usei aquele banheiro hediondo e logo escolhi uma nova condução, de grande conveniência para mim, pela hora de saída, quase imediata.

Não ia longe o tal ônibus. Apenas uma viagem de pouco mais de meia hora, logo finalizada à beira do rio. Ali havia conexão com outro veículo, da mesma empresa, que aguardava, na margem oposta, que os passageiros atravessassem o rio na balsa. Que lugar aquele! A desolação personificada. Meia dúzia de barracos improvisados, cobertos apenas pela habitual lona preta, a abrigar os eventuais passageiros da travessia. O que havia ali para vender nada mais era do que uns biscoitos baratos, refrigerantes e cerveja quentes. Como banheiros, apenas as moitas ralas de vegetação. O zumbido das varejeiras denunciava o estado de desmazelo de tudo por ali.

E fiz o que os demais fizeram, não havia outra opção. Desci na barranca, e subi na balsa, para fazer a travessia. Do lado de lá, preferi ficar mais um pouco, para assuntar ao ambiente, e assim não subi no veículo que esperava a todos para prosseguir a viagem. Dali tomei um caminho paralelo à estrada e por ali segui, atolando os pés na poeira rala.

Tio, acho que poucos me entendem, mas você parece ser uma exceção neste mundo que me é cada vez mais hostil e estranho. Quero que me ouça, pois você, ao contrário de meu pai e meus irmãos mais velhos, conhece o mundo, contra ele se rebelou, fiquei sabendo, quando saiu da casa de seu pai, meu avô, aos quinze anos de idade e esteve desaparecido por um bom tempo. E voltou, encarando a fúria e a incompreensão da família. Ninguém, então, esteve do seu lado naquela ocasião, mas pode ter certeza que tantos anos depois, como eu faço agora, um parente seu pode finalmente lhe dizer que compreende – e muito – suas atitudes de jovem. Eu não quero deixar passar a idade em que você cometeu a grande ousadia de se libertar, para mim ainda é tempo, com certeza. Estou disposto a encarar, como você um dia fez, com tão grande coragem, o afastamento desta família que para mim é uma barreira à minha realização como pessoa. Vou caçar meu rumo por este sertão a fora, vagar por esses rios, para ver onde nascem e onde morrem.

Querido Sobrinho. Sua fala sobre rio e sertão me deu a pista para onde você deve ter ido. É claro que me lembro que na sua infância você me acompanhou algumas vezes, junto com alguns amigos meus, nas caçadas e pescarias que fazíamos por ali. Momento marcante nessas viagens era a travessia do rio, para além do qual existia o sertão desconhecido, com seus animais selvagens, suas lagoas piscosas, suas brenhas infindáveis. Ali você aprendeu, como me disse certa vez, os segredos de uma pescaria e de uma espreita de caça pela noite a dentro. Você o mais jovem naquela turma, mas levando sua atribuição muito a sério, no preparo das matulas, no carregamento das mulas ou dos barcos, por exemplo. Certa vez me disse que seu lugar o mundo era outro e que era ali que gostaria de viver. Nas longas conversas minhas com os companheiros, nas noites de luar, à beira de uma fogueira, sempre me lembro do seu encantamento, se recolhendo com os últimos a fazerem isso e mesmo assim por insistência minha. Assim, meu querido, não foi difícil para mim refazer o seu percurso. Escrevo para ter claro na mente o que gostaria de lhe dizer. Aguarde, que a qualquer hora chegarei até você.

- Como? O senhor quer saber se eu vi um sujeito assim e assado por aqui? Por esta balsa passa tanta gente... Mas do jeito que o senhor descreve, magro, vestido de paletó e calça social, carregando nas costas uma mochila colorida, uns vinte anos de idade... Pensando bem acho que vi. Já faz uns dias. Parecia meio estranho, não sei se triste, ou só distraído. Bem diferente das outras pessoas que geralmente passam por aqui, gente que eu conheço um por um, pois que são os mesmos quase sempre. Fui cobrar a passagem e ele só tinha uma nota grande, de cem. Não tinha troco e deixei pra depois. E nem cobreí. Volta e meia acontece isso. Ou melhor, acontece é de a pessoa não ter nenhum dinheiro no bolso. Povo aqui é por

demais pobre, o senhor deve saber. Muita gente acaba atravessando de graça. O patrão sabe e já nem se incomoda. Aliás já vejo o dia que ele vende esta geringonça e vai embora também, ainda mais agora que o governo vai fazer uma ponte prometida, pouco mais de uma légua daqui, rio abaixo. E vai morrer não é só este negócio que meu patrão herdou do pai dele, mas também essas bibocas que vendem biscoitos de polvilho e cachaça aqui na beira. Eu mesmo caio fora, vou procurar uma cidade maior, em vez de ser cobrador de balsa vou ver se arranjo ocupação melhor na capital. Ou na mineração, aqui perto. Eu tenho parentes lá. Mas inda que mal lhe pergunte, porque o senhor procura pelo homem do paletó? É parente dele? Não é? Alguma questão de dinheiro devido? Tá bom, desculpa, sou meio enxerido mesmo... Não vi direito o tal moço. Me contaram que ele não pegou o ônibus do lado de lá, que seguiu a pé. Ouvi falar até que viram ele já distante daqui, num povoadinho a duas léguas. Mas isso tem que conferir diretamente. O povo daqui é muito falador. Ah, lembrei também que ele andou perguntando coisas aos outros passageiros. Parece que queria saber do que tem mais adiante, alguma cidade, povoado ou coisa assim. E quase não tem. Daqui pra frente é um vazio de dar medo, a não ser uma tal de Cabeceiras, lugar onde Judas perdeu as botinas, não passa de uma corruptela. Mas não disse nem pau nem pedra quando lhe informaram. Ficou com a mesma cara de estátua com que chegou. Ouvi dizer também que ele entrou na birosca ali da barranca e comeu alguma coisa, isso é, uma daquelas coisas que tem lá, quase nada, uns biscoitos muito sem-vergonhas. E depois caiu na poeira. Não sei mais nada.

Tio, eu já não conseguia viver debaixo do mesmo teto de um homem cuja única qualidade na vida é a de jamais se insurgir frente a nada, autocondenado a uma aposentadoria precoce que o transformou em um zumbi antes de completar cinquenta anos. Passivo perante a vida e totalmente agressivo com sua mulher, acho que morreu e desgosto a minha mãe, que Deus a tenha, e com os filhos também, principalmente comigo, que ele considera estar sempre fugindo de responsabilidades e muito me castiga por isso. Como se ele pudesse agir assim com alguém, levando a vida que leva, passando a semana em total vagabundagem, jogando truco com os amigos em longas tardes vazias. Não. Não posso com isso!

Minha pobre mãe, que aceitava tudo que vinha dele, sempre do lado dele apesar dos maiores absurdos que cometia? Incapaz de se contrapor a ele e apoiar os filhos em quaisquer circunstâncias. Acho que morreu de desgosto, a coitada. Não quero mais. Vou tentar levar minha vida em outro lugar, não me importa mais esta família. Ter essa gente do meu lado, ou não ter, para mim tanto faz. Aliás, Tio, este mundo todo também não interessa mais. Aqui, duzentos mortos num barco naufragado não valem mais do que uma pequena nota no jornal, enquanto o afogamento de meia dúzia de magnatas rende dias e dias de polêmica, como assisti na TV, um dia desses. Não é para mim. Vou para longe, para o sertão de

algum lugar. Atravessar um rio que me traga o esquecimento, isso é que eu quero e é para onde eu vou.

Sim, vi, passou por aqui um rapaz assim, bem do feitio que o senhor está falando. Não sei para onde teria ido, talvez para Cabeceiras de Cima, uns 50 km daqui. Chegou a pé, mas preferiu seguir de ônibus. O final da linha é lá. Com certeza não foi longe. Aqui tem gente chegando a toda hora. O senhor veja, por exemplo, na estrada aquele caminhão... É da firma de fora que está construindo uma obra grande não muito longe daqui. Quem sabe este moço não foi para lá, para arranjar trabalho. Isso aqui ficou movimentado de uns tempos para cá. O que vão fazer lá? Não sei direito, é um tipo de mineração, estão contratando gente adoidado. Um amigo que esteve por lá me disse que por enquanto o que há é só um buracão, enorme.

Meu estimado sobrinho, acho que não preciso procurar mais, já sei onde você está. Mas de toda forma estou preocupado com as dificuldades que você deve estar enfrentando. Um moço como você, que até agora só estudou, com todo o conforto de uma família por perto, apesar deste pai estranho, que eu também renego, pouco afeito que ele é para compreender as necessidades dos filhos e mesmo dos irmãos, como eu. O que você procura é a libertação, bem sei, mas fico preocupado se você se preparou para uma situação que pode ser dura e sofrida, mas será sempre uma libertação. E eu bem sei o que é isso, meu querido.

Lembro-me agora de minha própria fuga da casa de meus pais, ainda em plena adolescência. Dormi na rua, fui assaltado, apanhei de uns caras mais velhos, uns gatunos, mas ainda assim me lembro muito bem do meu regozijo por ter ficado livre e rapidamente me transformado em um homem de verdade, mesmo sendo ainda pouco mais do que um garoto. Já na primeira noite fora de casa, dormindo no porão de uma igreja, infestado por piolhos de galinha, mesmo assim se senti livre e feliz. Assim vivi por três anos inteiros, ganhando algum dinheiro com pequenos trabalhos, passando frio e fome por vezes, mas sem deixar de lado em nenhum momento, a certeza de que eu fazia a coisa certa.

Voltei para casa quando o pai morreu, para consolar a mãe e pouco meses depois tomei rumo definitivo na vida, por vários lugares do país e mesmo no estrangeiro, conhecendo cidades, amigos, mulheres, costumes e culturas sempre muito variadas. E nunca me arrependi! Foi dentro daquela vida movimentada que bem ou mal construí minha personalidade e minha profissão, descobrindo o verdadeiro talento que tinha, que era o de escrever. E histórias não me faltavam. Esta sua história, meu querido, é uma linda história, longe de apenas repetir a saga de um parente, passadas tantas décadas. Quem sou eu para interrompê-la ou mesmo recriminar você?

O moço magro e alto, meio caladão? Esteve por aqui uns dois ou três dias. Andou pelas ruas aí como quem não quer nada – ou pelo menos queria conhecer o lugar. Mas aqui em Cabeceiras em qualquer meia hora já dá pra conhecer tudo. Essas duas ou três ruas e depois a barranca do rio. Se pode atravessar? Até que pode, mas do lado de lá só tem umas fazendas, cada uma longe da outra. Só vão lá os empregados dos fazendeiros, ou então os compradores de gado, certa época do ano. O moço esteve por aqui com certeza. Tenho a impressão que ele resolveu fichar na empresa que está explorando minério na Chapada de Cima, que fica do lado de cá mesmo, distante uns 60 km, mas na direção contrária de onde o senhor veio. Eles passam aqui toda semana procurando gente para trabalhar. Tá todo mundo indo para lá, parece que tem uma reserva de um troço, ‘lichio’, ‘lítio’, um nome assim, que dizem que serve pra fazer baterias, satélites, aviões, sei lá. Só sei que tem muita gente se mandando para lá. Só engenheiros gringos já passaram por aqui uns trinta. Aqui no hotel mesmo, onde só apareciam uns mascates, agora todo dia tem hóspede novo. O patrão já está pensando até em aumentar uma ala. Já era hora deste lugar sem vergonha tomar jeito. Cá entre nós, até as mocinhas-da-vida da rua aí de trás estão animadas com o aumento da clientela. Mas isso o senhor não espalha, porque o patrão aqui é dono da boate que elas trabalham. Boa sorte em sua procura, moço, mas o que penso é que este sobrinho seu deve ter caçado o rumo da chapada também. Tá todo mundo indo pra lá. Eu só não fui ainda porque tenho uma mãe velha e doente para cuidar.

Tio, você nem imagina o lugar onde vim parar. E digo mais: pretendo ficar por aqui uns tempos. Não é lugar bonito, nem agradável. Cheio de poeira, um tanto de homens brutos e suados por toda parte, comida miserável, preparada e servida em biroscas inimagináveis. Para dormir uns beliches toscos, cercados, por cima, dos lados e em toda parte por tipos suarentos, que cheiram mal, roncam e soltam gases pela noite a fora. Mas por incrível que pareça, aqui tem vida, tio. E acredite, arranjei emprego! Como entendo um pouquinho de computador me botaram num setor que registra o movimento dos caminhões que removem o entulho de uma mina que escavam por aqui.

Uma riqueza, este tal de lítio. Está cheio de gringos para pegar uma beiradinha. E um monte de gente sendo explorada também. Fiz uns amigos novos aqui, gente completamente diferente daqueles que conheci quando morava aí na cidade. O principal deles já morou em várias partes do país, sempre lidando com mineração e garimpos. O negócio dele não é bem ficar fuçando terra e cascalho, que nem minhoca. Ele trabalha com um povo de fora e a tarefa dele, como ele disse para mim, é “organizar o movimento” por aqui. E não sabia muito bem o que é isso, mas estou começando a entender, com as conversas com ele. Este povinho sujo e suado precisa deixar de ser explorado!

E é impressionante o que acontece por aqui. As pessoas sofrem desconforto em tudo, seja para trabalhar, para comer, para dormir. Assistência médica eles falam que tem, mas é um vapt-vupt, um atendimento de quarenta pessoas por hora, por um doutor que mais parece um açougueiro. Ninguém pode trazer as famílias pra morar junto, mesmo os que são aqui na região. E pelo que sei, uns poucos que reclamaram foram logo despedidos, sem direito a nada. Eu tenho participado junto com o Cesar – este é o nome do meu amigo – de umas reuniões com o povo do sindicato, que vem de fora para dar apoio aqui. Coisa meio secreta, porque se os capatazes pegam, dá demissão na certa. Dá um frio na barriga, tio, mas ao mesmo tempo uma sensação gostosa de estar envolvido em uma coisa que faz diferença.

Comecei, por estes dias, a ler umas apostilas que o povo do sindicato trouxe e logo devo fazer uma entrevista com o coordenador. Se der tudo certo vou trabalhar junto com o Cesar, para também ajudar na “organização do movimento”. Eita coisa boa! A gente sofre, mas tem compensações. É isso aí, meu tio, continuarei dando notícias. Não me canso de lembrar aqui das histórias que ouvi na família, de um certo tio meu que fugiu de casa aos quinze anos de idade, para fazer de sua vida algo que valesse a pena. É o que eu quero também. Abraço você com saudade e gratidão!

Muito querido Sobrinho, que emoção! Que bruta emoção! Você é que nem uma mina de lítio, só que a jorrar sentimento e consciência em todas as frentes. Inveja é o que eu tenho de você, de não ter mais a sua idade, admito. Mas ao mesmo tempo tenho orgulho, muito orgulho mesmo, em saber que as doideiras que fiz na juventude estão a lhe inspirar, tantos anos depois. Você sabe que tenho mania de escrever coisas – mas também gosto de ler. E estou me lembrando aqui da mitologia grega, que fala de um rio chamado Lethe, palavra que literalmente significa “esquecimento”. Seu oposto é Aletheia, que tem o significado de “verdade”. Para os gregos, parece, esquecer seria então o mesmo que “mentir”. É preciso não esquecer, portanto, e é por isso que fico honrado com suas lembranças sobre a minha pessoa.

O tal rio dos gregos era um dos rios de um território sagrado, o Hades. Aqueles que bebessem de sua água ou, até mesmo, tocassem nela, viriam a ser amaldiçoados pelo esquecimento de tudo que viveram até então, seja individualmente, no presente ou em vidas passadas e mesmo em sua herança familiar e cultural.

Em outras vertentes de pensamento se fala de um outro rio, o Mnemosine, cujas águas fariam os mortais recordar e alcançar a verdade e até mesmo a onisciência. Na Divina Comédia, Dante fala do Lethe como um rio cujas águas os pecadores tinham de beber para apagarem da memória os seus pecados cometidos. Veja só em que águas estamos

agora navegando, meu querido! Você buscava atravessar aquele grande rio para procurar o esquecimento. Quase conseguiu, mas mais adiante parece que de com outro manancial, agora carregado de verdade e consciência sobre o que é de fato a realidade da vida.

Assim eu, do alto dos meus setenta anos, torço por você, com todo meu sentimento. E bem que queria que me fosse possível pegar carona no cometa de sua energia vital, tão grande ou maior que a minha de muitos anos atrás. Você traz dentro de si um bloco energético maior do que qualquer pedaço desse tal de lítio, maior do que o próprio Maracanã. Você tem Aletheia no coração, que ela lhe abençoe! Conte sempre comigo!

O enterro da cigarra

Naquela noite, entre as crianças presentes na casa dos avós ninguém parecia conseguir dormir direito. Afinal havia chegado do interior, onde a família tinha raízes, trazida por um portador, uma caixa preta, de madeira envernizada, nem muito grande nem muito pequena, de misterioso conteúdo. Parecia uma daquelas caixetas de goiabada que o avô periodicamente recebia de seus parentes da terra. Mas era muito grande para tanto. Era pequena, todavia, para conter, por exemplo, um móvel ou uma ferramenta, além de leve demais para conter queijos, frutas ou mesmo livros.

Poderia ter sido um acontecimento normal a chegada de tal objeto, mas como se sabe, as crianças, assim como os animais, possuem uma espécie de sexto sentido e sensibilidade capazes de captar a natureza de acontecimentos que não se anunciam claramente à primeira vista. Além disso, puderam perceber que os adultos da casa, longe de encostarem aquilo em um canto qualquer da casa, ou o abrirem de imediato, colocaram tal objeto sobre a mesa da sala, mantendo-o fechado, em um gesto que pareceu às crianças dotado de severidade e até de inusitado cerimonial. Aquilo foi o bastante para despertar-lhes um misto de alegre curiosidade, misturada com um quase incontido temor.

E assim a tal caixa escura, ficou sobre a mesa da sala, pela tarde a fora, entrando pela noite, desencadeando mudanças sensíveis no cenário. Com efeito, o ambiente da casa, naturalmente ruidoso e alegre pela presença dos netos, de repente se demudou em silencioso respeito por parte dos adultos. E mesmo as conversas, risos e brincadeiras de pique-esconde dos pequenos passaram a ser reprimidas com olhares especialmente severos e sinais admoestatórios de contenção, por parte dos avós e das tias.

Havia naquilo, realmente, algo de extraordinário, estranho, quase sobrenatural, que longe de intimidar, deixava as crianças excitadas e ansiosas em desvendar a cadeia de segredos que tão de repente havia se

instalado na casa. Indagar dos adultos não adiantava, muito, pois pareciam mais preocupados em esconder do que em revelar o que ali se sucedia de fato. Armou-se, assim, um conciliábulo infantil, longe das vistas dos adultos, com opiniões frenéticas e desencontradas sobre a misteriosa caixa.

Uma delas, mais afoita e otimista, augurou que ali talvez estivesse um presente para os netos, mas foi logo contestada pelas demais, mais velhas e mais sabidas, que isso seria impossível, por não ser época de Natal nem de aniversários por ali. Outra delas, uma das mais velhas, por sinal, estimou que ali talvez estivesse um penico ou outro objeto íntimo, a ser utilizado por uma tia velha que residia em um quarto anexo da casa. Mas, neste caso, por que raios não teria sido aberto e extraído da caixa logo que chegou, para continuar exposto como se fosse um obscuro troféu na mesa da sala? Houve também a hipótese de que talvez se tratasse de um instrumento destinado a um dos tios, que era topógrafo de profissão e que no momento estava em trabalho fora da cidade. Mas por que, então, não o teriam colocado no quarto do tio e sim sobre a mesa da sala, ainda mais tratado como se fosse uma peça cerimonial, que além do mais contrastava com o ambiente normalmente alegre e barulhento da casa dos avós?

De fato, era tudo mistério ali.

A ideia de que havia algo de circunspecto naquilo tudo trouxe-lhes a impressão que ocorria no cenário a presença indesejada de alguma desgraça ou outro tipo de coisa realmente indesejada. Mas como conciliar isso com as dimensões de um recipiente que não chegava a ter o cumprimento de um guarda-chuva, com apenas dois palmos de largura e que poderia ser confundido facilmente com algo bem mais prosaico, como uma caixeta de goiabada, por exemplo?

A ansiedade só aumentou quando as crianças viram que o telefone da casa, recém instalado, somente utilizado para chamadas muito esporádicas, apenas naquele final de tarde já tinha sido acionado, para fazer ou receber chamadas, em pelo menos uma dúzia de ocasiões. Perceberam, além disso que alguma coisa estava sendo combinada, com parentes e amigos, para a manhã do dia seguinte.

Mas, o que seria?

Neste momento, o conciliábulo já determinara a um ou dois de seus pares que montassem uma espécie de vigília ao pé do telefone, para apurar informações mais detalhadas sobre o mistério que se instalara na casa. E elas não demoraram a chegar:

- *Ligaram para o Padre Álvaro agora.*

- *A prima Glorinha falou em levar flores.*

- Um tal de Lourival disse que a mãe dele não poderia ir porque é muito impressionada com essas coisas.

- Agora a vovó está ligando para alguém que vende flores e combinando uma entrega...

- Entrega? Para onde?

- Xi, não consegui saber, saí de lá correndo para vir contar a vocês, vou voltar para ver se pego mais alguma coisa.

- Caramba, mas você é lerda mesmo...

Consultada Amélia, a velha empregada da família, que alternava junto às crianças momentos de cumplicidade e maldade, só fez piorar as coisas: - *arredem de mim e deixem de ser curiosos. Não é assunto que interessa a vocês. Não percebem que na vida tem coisas que só os adultos devem saber? E que a criançada tem mais é que conhecer seu lugar? Arre!*

A chegada, na boca da noite, do tio Tonico, que trabalhava agora em lugar distante muitas horas de viagem, ultimamente ausente na casa, conseguiu adicionar ainda mais notas de mistério àquela novela que já era substancial, mostrando que o que se passava ali era algo muito além dos acontecimentos normais da família. E as coisas mais ainda se complicaram quando viram o avô fazê-lo experimentar camisa e gravata guardadas meticulosamente no guarda roupa do casal, apesar dos protestos do recém-chegado.

Isso para não falar do telefone, que saíra de sua mudez habitual e continuava a receber e realizar incontáveis ligações.

A habitual roda de rouba-monte ou de sete-e-meio, que geralmente encerrava o dia de interações entre adultos e crianças na época de férias naquela casa foi suspensa, sem maiores explicações. E a esta altura dos acontecimentos os pequenos já tinham percebido que qualquer indagação aos adultos, em busca de esclarecimentos, seria supérflua.

O jeito era ir dormir.

Mas surgiu um problema. Como eram cinco crianças aproveitando as férias na casa dos avós, não havia quartos nem camas para todas elas, o que fazia com que duas ou três delas dormissem em colchões espalhados no chão da sala de jantar. Tal situação era considerada uma espécie de honraria, destinada aos mais velhos e mais bem comportados, que em tal localização acabavam usufruindo de direitos especiais, por poderem conversar e até armar alguma brincadeira nova, até mais tarde. Mas com a tal caixa escura e misteriosa em cima da mesa, cheirando a crime e desgraça, quem disse que tal prerrogativa era agora disputada? Pelo contrário, o que desejavam todos era se verem longe daquilo. E assim

aconteceu, malgrado das tias, que assim tiveram seus aposentos invadidos pela turba completa de sobrinhos, agora totalmente ansiosa e ainda por cima profusamente loquaz.

Na manhã seguinte havia mudanças no ambiente da casa. O avô vestia camisa social com gravata, com o correspondente paletó repousando em uma cadeira. A avó e as tias vestiam roupas de domingo, de se ir à missa. Amélia já tinha separado roupas mais formais para as crianças. A caixa escura, enquanto isso, repousava solenemente na mesa da sala.

As crianças, na mesa do café, não pareciam atentas a tais acontecimentos. Maurinho, o mais novo, aparecera com uma cigarra meio morta, meio viva, recolhida no quintal, ainda molhada pela chuva da noite, tremelicando e mexendo as perninhas. A questão principal agora era se ela sobreviveria, ou não, com as apostas convergindo para a sobrevivência. Ninguém parecia mais se lembrar da caixa escura, agora totalmente ignorada na mesa da sala. Tiveram que abreviar a discussão, porque Amélia insistia em que vestissem logo as fatiotas domingueiras.

O avô interrompeu o solene conclave sobre a vida e a morte da cigarra, para pedir atenção a um comunicado importante. A custo, entre pedidos de silêncio da avó e das tias, disse aos netos que naquela caixa estavam os ossos de sua mãe, enterrada anos antes na cidade natal e que agora eram trazidos até a cidade deles para se juntarem aos restos do marido, que ali morrera anos antes.

A palavra ossos provocou algum frisson e mudança na atenção dos pequenos, pouco duradouros, entretanto.

Continuando, ainda de forma solene e fora do padrão habitual de sua interação com os netos, o avô avisou que toda a família iria ao cemitério onde uma pequena cerimônia aconteceria, com a presença do padre Álvaro, do filho Antônio que viera de tão longe, além de alguns parentes, para que, finalmente, o casal se reencontrasse.

Os pequenos, dos quais apenas a mais velha conhecia, mesmo assim de passagem, tal tipo de logradouro, bem que se na animaram com o inusitado passeio, entendendo finalmente a determinação da avó e de Amélia para que se aprontassem.

Maurinho, o coletor de cigarras moribundas, deu o toque final e necessário àquelas horas de espera ansiosa, embora naquele momento já quase esquecidas.

- Ela vai ser enterrada com cobertor? Porque acho que com esta chuva ela vai sentir muito frio.

E alegremente foram vestir suas roupas de domingo, já antegozando as delícias de uma manhã tão promissora. Não sem antes o indefectível Maurinho dar o tom para a auspiciosa manhã que se augurava:

- *Que tal a gente levar esta cigarra para enterrar junto com a bisa?*

Minha vida de cachorro

Ter mãe é sempre bom. Na infância, então, é essencial. Devia haver uma lei que proibisse as mães de morrerem cedo, já disse alguém. Eu ainda tenho a minha viva, com quase cem anos, sendo que eu próprio já passei dos setenta. Um privilégio.

Mas durante um tempo ela faltou a mim e a meus irmãos.

Foi assim. Lembro-me de alguns detalhes, particularmente do que acontecia naqueles domingos, no final de tarde, quando voltávamos da visita a ela pela longa e feia rua que ligava o centro de nossa cidade a uma zona de mau augúrio, onde havia aquele enorme hospital de reabilitação, além de um cemitério. E ali estava ela, uma mulher de pouco mais de trinta anos, com cinco filhos e um marido a depender dela, paralisada dos pés ao pescoço.

Tinha sido acometida por uma condição que na época era pouco conhecida, e creio que ainda é. Um dia acordou com dificuldades de sair da cama e em poucas horas não mexia um só músculo do corpo. Como meu avô, pai dela, com quem tinha forte ligação, tinha morrido alguns meses antes, a primeira hipótese é a de que estivesse “somatizando”, uma palavra que os médicos usavam e ainda usam quando ignoram o que está acontecendo de fato. Com mais alguns dias de observação, entretanto, ela jazendo na cama como um fardo sem vida própria, um neurologista finalmente entrou na história e deu um diagnóstico: Síndrome de Guillain-Barré. Um nome ilustre e sonoro, para ocultar o que na época era um vazio de conhecimento causal.

Aquelas visitas ao lúgubre hospital, apesar de se situar em um agradável pé de serra, coberto naquele tempo por uma mata densa – a mata atlântica – chegavam a trazer um momento de alegria para nós. Primeiro, por irmos ao encontro de nossa mãe enferma, mas também porque éramos crianças e apesar do motivo da visita, que durava muito pouco para nossas expectativas filiais, encontrávamos um tempinho para brincar num parquinho, subir em árvores e aproveitarmos o clima de fazenda que ali dominava. Havia patos e carpas num açude, cabritos e ovelhas, que naquele tempo tinham seu sangue usado para exames laboratoriais, tudo isso alegrava um pouco aquele ambiente.

Aprendemos na ocasião que, como tudo na vida, o bom e o ruim se misturam. Era uma alegria brincar no parquinho e entrar em contato com os bichos, mas acima de tudo a felicidade de poder ver, tocar e falar com a mãe e até os mais novos se sentarem no colo dela, apesar de que ali havia também gente amputada, paraplégica, em coma. As cadeiras de rodas faziam estranho engarrafamento quando terminava a hora da visita, naquelas tardes domingueiras.

O lado bom termina aí. Hoje, pelo que sei, a região demudou-se em favela e por ela ninguém mais se arrisca a passear.

E de volta a nossa casa, naquela rua sinuosa, em sombrios fins de tarde de domingo, vínhamos eu e meus irmãos entristecidos e pensativos, por conta da dolorosa visita semanal à pobre paralítica. Meu pai, no volante do carro, não escondia estar abafado por pensamentos sombrios, como tudo o mais por ali. Aquele percurso e seus indicativos topográficos ou temporais, para a maioria das pessoas nada poderiam sugerir, mas para mim e meus irmãos era o retrato vivo de uma dor.

Naquele ano, eu o filho mais velho, acabara de completar treze anos e minha irmã mais nova não tinha passado dos quatro. E assim vínhamos por aquela torta rua de periferia, após aquela dolorida visita semanal, deixando a mãe naquele hospital tão longínquo, além dos morros que delimitavam a cidade, depois mesmo do terrível Cemitério da Saudade, de triste augúrio.

Era tudo longe o bastante para provocar em nós a sensação de que ela agora vivia em outro mundo, inacessível não só a nós, crianças, mas a quem quer que fosse. O que mais me impressionava, então, além de ver minha mãe em uma enfermaria, cercada de gente com problemas ainda piores que o dela, era saber que, entre outras torturas, lhe haviam feito vários exames do “líquido da espinha”. Para o coração infantil, não podia haver nada pior!

É bem verdade, tudo tem sua compensação, mesmo as situações mais dolorosas, isso também aprendemos na ocasião: estavam agora bem perto de nós algumas pessoas muito queridas, como nossa avó, ainda em estado de recente viuvez, além de alguns tios e tias. A morte recente de nosso avô, com minha avó sempre vestida de preto, aquelas mulheres chorosas – tudo isso mais ainda aumentava o nosso desalento. Das pessoas que vieram cuidar de nós, as duas tias ainda solteiras iriam se transformar em figuras essenciais, a quem dedicamos boas lembranças e carinho por décadas a fio.

Foram tempos difíceis, agravados ainda pela presença, em nossa casa, de forças do mal. No caso, personificadas numa empregada vinda da terra de minha mãe, a Dalva, a quem apelidamos maldosamente de Darva, um tanto para imitar sua caipirice, outro para expressar nosso desprezo por ela. É possível imaginar cinco crianças obrigadas a se preparar para a

escola, se alimentar, tomar banho e tudo o mais sem uma mãe por perto? E o que pior, expropriadas em seu direito de ter alguém que lhes oferecesse, como só as mães sabem fazer, aquela puxadinha no cobertor até a altura do queixo, nas noites frias.

Entretanto, sobrevivemos.

Na sequência desses acontecimentos, quando nossa mãe voltou para casa, já parcialmente recuperada, mudamos para um apartamento térreo, para fugir da escadaria de acesso ao local onde até então morávamos. Nos primeiros tempos ela se deslocava em cima de uma cadeira comum, adaptada sobre uma plataforma de madeira, com rodízios de rolamentos – um verdadeiro carrinho de rolimã, com o assento elevado. E assim era ela empurrada alegremente por nós, que até disputávamos a primazia de conduzir aquele estranho veículo.

A mudança foi outro capítulo traumático para nós. De uma casa a outra; da mãe ativa que possuíamos até aquela de repente tão dependente; do abandono de uma velha turma de rua ao encontro de um vazio afetivo – uma coisa é certa: a gente se transformou e amadureceu meio à força. Penso que eu e meu irmão um ano mais novo nem tivemos adolescência, saltando diretamente da infância a uma vida quase adulta naquele momento.

Muitos anos depois vi que minha vida nesses anos, aqueles sessenta de tantas mudanças no país e no mundo, foi contada no cinema. Acreditam? Podem duvidar, mas é como se fosse. Quem viu o filme sueco “Minha vida de cachorro” teve acesso a cenas completas de minha infância. O menino curioso, meio trapalhão, a mãe doente, a família separada por conta de sua hospitalização, as primeiras descobertas sexuais, o tio barra limpa, o mundo chato dos adultos e as janelas para escapar dele, o início da corrida espacial, com a cadelinha Laika, que deve ser a justificativa para o nome do filme. Está tudo isso presente em minha vida, embora eu não tenha tido acesso a cães na infância, salvo pela existência de um certo Nero, anos antes, que nunca mordeu ninguém, mas também não chegou a deixar lembranças, nem más nem boas. Mas desta Laika eu me recordo muito bem, pois todos nós da família choramos o sacrifício do bichinho, enviado daquela maneira ao espaço sideral.

Sorte nossa que a rede familiar cuidou de tudo. Eu liderava (se é que esta palavra se aplica), com apenas treze anos uma escadinha de quatro menores; na outra ponta, a nossa caçula com quatro. Mais uma vez, como havia acontecido no nascimento tumultuado desta última, a tal rede familiar se abriu e nos abrigou. E eu e meus irmãos tivemos a sorte de não termos apenas um tio legal e camarada, como o do personagem da tal Vida de Cachorro, mas uma penca de parentes assim, com especial destaque para minha avó e as duas irmãs solteiras de minha mãe.

E foi assim que toda uma família sobreviveu. O mal, se algum houve, superamos como foi possível e como deve ser.

Um Anjo Louro

Aconteceu um dia, na minha infância, um inesperado acontecimento que repercutiu pela minha vida a fora. Conto como foi.

Corria o final dos anos 50, eu tinha nove ou dez anos e certo dia, ao chegar da escola, dei com o inesperado na sala da casa. Uma família inteira estava, por assim dizer, acampada ali, com malas, caixas e até mesmo sacos por toda parte. O pai havia saído para tomar providências, só o vi mais tarde e depois falo dele. A mãe era uma matrona loura e corpulenta, de um tipo físico completamente diferente do padrão brasileiro, que somente muito depois compreendi ser de natureza germânica ou eslava. Falavam outra língua, pelo menos entre eles. Mas as crianças... Eram três. Um pequetito, talvez nos seus quatro anos, se muito, figurava doença aguda, a inspirar permanentes cuidados da matrona. Encatarradíssimo, febril, choraminguento, tinha um aspecto miserável, em que pesassem seus cabelos louros, quase brancos e as bochechas muito vermelhas. Vestia um pijaminha de flanela bastante puído e sujo, com marcas evidentes da longa viagem que o trouxera até ali. A menina do meio talvez fosse da minha idade. Por alguma razão me marcou pouco, a não ser pelo linguajar incompreensível, que mantinha com a mãe e os dois irmãos. Se falou alguma coisa em português – pode ser que tenha falado – não me recordo mais. Lembro-me apenas que a coitadinha tinha perebas por todo corpo, mas parecia não sofrer e nem mesmo se dar conta disso.

Mas a filha mais velha, esta sim, era uma figura marcante. Loura, alta, esguia. Os cabelos lhe batiam na cintura. Gestos enérgicos de quem dispunha, na família, do estatuto de uma segunda mãe para os irmãos mais novos. Teria seus quinze anos, talvez. Vestia-se de chita, bem à brasileira, mas com aquele porte e o longo cabelo louro, lembrando uma camponesa europeia, se não uma personagem de contos de fadas. Melhor dizendo, parecia um anjo – e agia como tal, socorrendo e consolando os irmãos mais novos, adoentados.

Foi por poucas horas, lamentavelmente, que os vi de perto, mas aquelas imagens me marcaram por muitos anos, principalmente a daquele anjo louro, baixado à terra não sei de onde. De onde vinha, afinal, aquela gente, chegada assim tão de repente em nossa casa?

Logo minha mãe esclareceu o fato inusitado. Era uma família estrangeira, cujo chefe era amigo de um tio meu, com o qual tinha trabalhado no passado. Eles estavam de passagem, vindos do Norte do estado, agora rumando para São Paulo, para tentar uma sorte melhor em outras

bandas. Estiveram conosco não mais do que uma parte de manhã e uma tarde, depois seguiram seu destino, pegando o trem noturno da Central do Brasil, que ainda circulava entre minha cidade e São Paulo naquela época.

E soube mais: a família havia morado na nossa cidade natal por algum tempo, onde o pai conhecera meu avô e alguns tios meus. Eram imigrantes europeus, judeus, talvez; eslavos, depois se soube. Estariam fugindo do nazismo, do estalinismo ou da grande guerra – não era possível saber naquela ocasião.

O homem era agrônomo de profissão e foi nessa condição que arranjou colocação na cidade onde havia diversidade econômica antes que a grande companhia tomasse conta de tudo e instaurasse a ditadura da mineração. Além de sua formação agrícola, ele era muito culto, conhecia de tudo um pouco e tinha um lado empreendedor, inquieto, bastante marcante em sua personalidade e que influenciou bastante sua vida. Tanto que saiu da nossa cidade natal, foi para o Norte e agora se dirigia a São Paulo. Entre a Rússia e o interior do estado deve ter tido, certamente, outras tantas passagens.

Pois bem, resumindo a história, nunca mais os vi, pelo menos de perto e tive bem poucas notícias deles. Aqui minha narrativa entra numa espécie de ramificação, mas mais adiante os caminhos se encontrarão.

Corriam agora os anos 60. A capital onde residíamos começava a tomar ares de metrópole, mas arrastando ainda certos grilhões provincianos. Uma dessas coisas anacrônicas era uma espécie de concurso de beleza e simpatia (nada de misses de maiô!), ao qual se dava o colonizado apelido de glamour-broto. Na época, eu talvez não me interessasse por colunas sociais, mas já apreciava, bastante, aliás, a visão de uma linda mulher. E em um daqueles anos dourados, ao som dos Beatles e da Bossa Nova, apareceu uma mocinha especialmente cheia de glamour:

loiríssima, muito alta, esbelta, olhos azuis faiscantes, poliglota, intelectualmente muito articulada, determinada, cheia de personalidade. Não se falava em outra coisa naquela cidade provinciana de então. Um belo dia, a revelação. Minha mãe, ao ver aquele anjo no jornal ou na TV, comentou: esta moça é a filha de Seu Jurgen, daquela família que esteve conosco, há alguns anos atrás. Lembram? Eu, é claro, me lembrava.

Caramba, eu que nunca havia visto um glamour-broto, ou qualquer outra celebridade tão de perto quase caí pra trás de susto, mesmo com alguns anos de atraso. Então era ela! Depois o anjo desapareceu, pelo menos para mim, que não acompanhava as notícias do mundo da jeunesse dorée para usar o linguajar dos colunistas sociais de então.

Já nos anos 80, vendo um programa TV em cadeia nacional, minha mãe mais uma vez me trouxe a revelação: estão vendo aquela lá? Pois é, é a

filha de Seu Jurgen, aquele amigo da família, que esteve em nossa casa há muitos anos atrás. O anjo louro, a adolescente encantada, a mulher de sonho tinham se metamorfoseado mais uma vez, se transformando agora em modelo, apresentadora de TV, celebridade e acima de tudo belíssima mulher, conhecida nacionalmente. Mas eu digo com orgulho: eu a conheci antes de todos; melhor ainda, dentro da minha própria casa!

O tempo passou, para ela inclusive. Um jornal sensacionalista, daqueles que parecem ser impressos com sangue e que os jornalheiros colocam abertos na parede de suas bancas para chamar a atenção de quem passa, me trouxe a notícia de que ela tinha sido vítima de violência por parte de um namorado de ocasião. Uma foto dela, com aquele mesmo olhar profundo, que era meu conhecido, emoldurado agora por um hematoma, ilustrava a matéria.

Como a vida foi ingrata, pensei, com aquela criatura angelical, que eu conhecia, sem que ela me conhecesse, desde a infância. Como passa a glória do mundo, me veio à mente a frase clássica, tirada não sei de onde. O fato é que, mais dia menos dia, eu quase havia me esquecido deste fato recente e mesmo dela, de seu mistério, daquela proximidade familiar, daquela vida improvável de uma família entre dois mundos.

Mas isso não era tudo... Tempos depois fui a São Paulo para uma reunião de trabalho e diante de algum tempo livre resolvi fazer um passeio a pé pelo velho centro da cidade. Ali, em algum lugar entre a Praça Clovis e o Teatro Municipal, fui abordado por uma mendiga, esfarrapada e suja, com uma gaforinha que não sabia o que era um bom banho há tempos. Queria um trocado ou um cigarro; o que eu tivesse. Tentei me afastar, mas não me foi possível deixar de ser tocado por seu olhar, aqueles olhos azuis profundos que eu conhecia de algum lugar.

Era ela, não tive dúvidas.

Só não me perguntem como é que uma simples menina que fugiu da guerra na Europa e depois se tornou migrante interna no Brasil, pôde chegar à burguesia e atingir o estrelato na TV, para decair na vida daquela maneira tão radical e trágica.

Mas como dizia o personagem de Suassuna: só sei que foi assim.

Dois meninos

Os dois garotos, pelo menos uma vez por mês, tinham permissão da mãe para acompanhar o avô nas idas ao sítio, em cidade vizinha à deles. Como já eram taludinhos tenham autorização para caminharem a pé até a avenida vizinha, por onde o avô passaria para pegá-los, para a viagem que sempre dava a eles um sabor de aventura. Sentiam-se também muito

prestigiados, pois havia outro irmão, este um pouco mais novo, mas que era considerado incapaz para uma coisa daquele porte.

Era um dia feliz, geralmente um sábado, muito esperado.

Nem bem saídos da cidade já começavam as brincadeiras do avô, feitas de adivinhas, trocadilhos e perguntas enigmáticas, que eles se esforçavam em decodificar, com alegria. Mais adiante, na estrada rural o avô decretava outro momento de alegria, que era o de apanhar no chão da estrada, pouco movimentada na época, alguns paus de lenha sempre caídos de algum caminhão ou de alguma forma abandonados por ali. E daquilo faziam renhida disputa, a ver quem era capaz de recolher mais lenha a cada parada do Jeep. Isso lhes garantiria, segundo o avô, a lenha para prepararem o almoço logo mais, mas eles sabiam que estava aí incluído o combustível para uma fogueira que encerraria o dia, sempre muito desejada. E o avô completava: porque lá no sítio eu não corto lenha, já chega a que os vizinhos me levam, por isso vocês têm que pegá-la para mim na estrada.

O anunciado almoço era apenas pão esquentado na chapa, mortadela e ovo fritos, uma sobremesa de frutas da estação, colhidas ali mesmo. Mas durante anos, ao longo de toda a vida mesmo, os dois lembravam daquilo como se fosse um banquete de deuses (ou anjos).

Depois que o avô atendia e dava instruções ao empregado, recebia algum vizinho, e fazia uma inspeção geral na chácara, dependendo também de sua disposição, quase sempre presente, desciam para pescar ao pequeno açude que ali havia. E cada um daqueles acarás ou piabas que vinha no anzol, mesmo que devolvidos de imediato à água, era comemorado com hurras de satisfação, além de alguma querela para ver quem os tiraria do anzol, no que o mais novo se dizia mais expediente, capaz de perfazer a operação sem machucar os pobres peixes. Não perdiam também, é claro, a oportunidade de disputarem com afinco e garra a captura do maior peixe ou da maior quantidade deles.

No meio da tarde, o pão que sobrava do almoço era submetido a uma passada na frigideira com manteiga e o café ralo que o avô lhes servia de motivo para outra rememoração, que se perpetuaria no tempo como coisa especial.

Depois de um dia de folguedos e travessuras, suportados, a maior parte das vezes com bonomia pelo avô, cumpriam, então, um ritual ansiosamente esperado: a fogueira de despedida, brincadeira vedada quando os garotos estavam sozinhos. A lenha recolhida na estrada ou eventualmente debaixo das mangueiras, juntamente com o vasculho do pomar, era organizada por eles mesmos como uma pirâmide irregular, no local onde ainda jaziam cinzas de fogueiras anteriores. Varas do bambu fino, que formava vasta moita junto ao açude, já haviam sido trazidas, para serem queimadas e fazerem às vezes de foguetes, pelo estampido

que provocavam ao se romperem com o calor das chamas. O avô lhes ensinara, também, a queimar os ramos de um pequeno arbusto, de folhas carnosas, que produzia estalidos e lançava fagulhas, fazendo grande efeito pirotécnico. Aquilo era outra das inesquecíveis maravilhas que o dia lhes trazia.

Terminavam assim o dia, à beira do fogo, agasalhados por recomendação da mãe, para evitar o frio pelas costas. O avô tomava suas últimas providências e não raramente tinha de ceder mais uns minutos aos meninos, que desejavam fazer a queima de uma vara recém encontrada ali por perto, que prometia tiros de arromba.

No caminho da volta, extenuados e calados, mas acima de tudo felizes, amontoavam-se no banco da frente do Jeep, junto ao avô, cabeceando para lá e para cá, com o balanço do veículo. O velho, a esta altura, deixava-os quietos, sem puxar as tradicionais brincadeiras e adivinhas, parte obrigatória da viagem, pelo menos quando estavam descansados os garotos. Deixava, então, os netos entregues ao sono e às recordações do dia.

No trotar do Jeep, misturavam-se os odores de gasolina e poeira, em estranha mistura com o cheiro ativo da mexerica enredeira, do limão-cravo, das verduras recém colhidas, da terra fresca aderida às batatas doces e às mandiocas. Mal vedado pela capota de lona do veículo, um friozinho benfazejo fazia também sua presença. Lá atrás, o sol se punha entre nuvens rosadas, como se o lençol de capim gordura dos morros tivesse se invertido e cobrisse, agora, o próprio céu.

Para aqueles dois meninos o crepitar da lenha na fogueira; aquele odor a tangerinas, mostarda e terra fresca; o capim gordura manchando os morros, o sol se escondendo por trás de um lençol rosado, mais o friozinho das tardes de maio, mesmo passados agora mais de sessenta anos, ainda recuperam, magicamente, as cores, os cheiros, os sons e os sabores de uma meninice luminosa.

Quem teve infância por certo entenderá.

Um dia na vida de Yuri N.

Aquela mão gelada lhe tocando o pescoço, às seis da manhã, como se fosse uma lesma, uma cobra fria, alguma coisa assim. Não era nada a não ser mais uma malvadeza de Maria da Consolação acordando Yuri para ir à escola. Todo do dia a mesma coisa. Não adiantava nada falar para ela que bastaria chamá-lo da porta do quarto, mas ela fazia questão de vir lhe tocar, às vezes no pescoço, às vezes na barriga e até mesmo dentro do cóis das calças, aquela desavergonhada. Reclamava e não adiantava nada. Falar com a mãe, Deus o livrasse, nem pensar, porque

aquela maldita sabia coisas sobre ele e complicaria sua vida, se desse com a língua nos dentes. Fazer o quê? Fingir que não era com ele e seguir em frente; tinha outro jeito?

Ao tomar seu Toddy o cenário das contrariedades se ampliou, pois Ivan, seu irmão mais velho, tinhoso como ele só, lhe deu um esbarrão – e foi por querer, com certeza – que fez o copo cheio parar no chão. Por sorte era de plástico e não quebrou, mas o líquido derramado fez uma lambança terrível, que ele teve de limpar, sob o olhar maligno do irmão e o afastamento proposital de Maria. Um desejo de vingança, mesmo que tivesse de esperar, foi a única coisa que conseguiu pensar naquela hora.

Por sorte ele e o irmão estudavam em escolas diferentes e ele logo que vestisse seu uniforme escolar, lavasse a cara e os dentes, juntasse seus objetos, podia se ver livre daquela peste, até a hora do almoço, pelo menos.

No ônibus, as coisas não melhoraram. Ali estava também a dona Áurea, sua professora, com seus cento e vinte quilos de banha e braveza, a olhá-lo com seu jeito sempre zangado desde as sete horas da manhã. Se pelo menos pudesse encontrá-la um pouco mais tarde, já na sala de aula, seria um alívio. Mas o problema é que seus horários geralmente se encaixavam e assim ele já começava do dia debaixo daquele olhar mal parado, no mesmo espaço do ônibus, não bastassem as outras contrariedades já presentes e certamente ainda por ocorrer, em mais uma manhã que se augurava azeda.

Na escola, antes de enfrentar de novo Dona Aurea, havia outro desgosto pela frente, o de passar pela famosa vistoria de Dona Cecília, a diretora, que botava todos os alunos em fila para lhes examinar a cor dos sapatos, das meias, a barra da saia das meninas. *Qualquer dia vai querer conferir se a gente limpou a bunda* – pensou. Naquela quarta feira a vistoria da diretora não chegou a tanto, mas ela implicou com as meias de Yuri, que na pressa de se levantar, diante da irritação com Maria da Consolação e das provocações de Ivan, distraído, havia calçado um pé de cor cinzenta e outro preta, além do mais com canos de comprimentos diferentes. Dona Cecília não deixou por menos, passou-lhe um sabão e o advertiu que da próxima vez seria enviado de volta para casa e o que é pior: junto com um bilhete para a mãe.

Alguma coisa, entretanto, lhe dizia que o pior não havia chegado.

A hora da chamada, para ele, era um inferno. Seu nome, Yuri, que parecia até charmoso à primeira vista, fazia uma combinação de tremendo mau gosto com o seu sobrenome, Navas. A professora sempre o nomeava pelo primeiro nome, mas justamente naquele dia, para aumentar seus dissabores, distraído como estava, o prenome dele foi repetido por três vezes, sem que ele manifestasse a presença, o que fez com que a mestra acabasse proferindo a combinação temida, em alto e

bom som: *Yurinavas*, provocando risadas humilhantes por parte dos colegas, principalmente daqueles que eram de mal com ele, que não eram poucos.

Recolheu-se, então, contrariado à sua carteira no fundo da sala, como de costume, não sem antes mostrar o dedo para uns colegas mais abusados que faziam chacota. A mestra viu e não lhe fez o mesmo gesto, mas sim um outro, imitando uma escrita no ar, que indicava que seu nome ia para a caderneta dos relapsos e desordeiros, o que lhe suprimiria, certamente, algumas regalias a que os bem comportados tinham direito. O ano já ia pela metade e em todos os meses, até aquele momento, tinha sido bem assim para ele.

As coisas tinham se acalmado, até que ele recebeu um piparote na orelha. Era uma bola de papel mascado, com que um maldito garoto, um daqueles que ele detestava, assentado atrás de si, caprichando na pontaria, conseguiu acertá-lo. Virou-se furioso, tentou devolver o petardo e mostrou-lhe o dedo. A professora imediatamente repetiu-lhe o gesto – ao modo dela, naturalmente.

Um dia, ou pelo menos uma manhã como aquela, pelo amor de Deus...

No recreio preferiu não descer ao pátio, pois sabia que ali a chacota seria insuportável. Quando já chegava a hora do almoço, veio outro momento desagradável, que se repetia a cada dia. A fábrica de cigarros que ficava no bairro abriu sua chaminé para a descarga habitual das onze horas, quando aparentemente os filtros eram liberados. O odor que saía dali era nauseante, pelo menos para ele, tirando-lhe toda a alegria, ainda mais naquela hora tão imprópria, quando o mais saudável seria ter fome. Ele, porém, o que sentia era vontade de vomitar, não de comer qualquer coisa que fosse.

Para espairer escrever um bilhetinho amoroso para sua paixão naqueles dias, Maria Lucia, uma garotinha morena com lindas tranças, que a faziam parecida com a indiazinha pele-vermelha do filme da Disney. Mas Pocahontas não estava para brincadeiras, ela também, naquele dia. Devolveu a Yuri de imediato uma garatuja, desta vez com a figurinha do pênis voador que era habitual ali na sala, quando se tratava de provocar ou hostilizar alguém.

Pronto, pensou Yuri, meu dia acabou; a única situação que vai me salvar é ir para casa. E tal momento acabou chegando. Pegou o ônibus de volta ainda nauseado, deu-se por satisfeito por não ter no coletivo a presença gorda de Dona Aurea e finalmente chegou em casa. Devorou com total má vontade o prato de arroz com carne moída e abobrinha que era o cardápio do dia, teve que ouvir da mãe um sermão já habitual, por não ter varrido o quintal, como lhe fora determinado na véspera e de quebra ainda levou um calço de Ivan, que quase o derruba no chão ao levantar da cadeira. Para culminar, Maria da Consolação anda lhe veio recriminar

por não ter colocado o prato sobre a pia da cozinha. Mostrou-lhe o dedo médio, assim como tinha feito ao irmão um minuto antes, dessa vez sem maiores consequências. Essa gente só tratando assim, pensou.

No quarto, finalmente, deu-se por feliz quando percebeu que o irmão fora cuidar de outra coisa, deixando-o milagrosamente a sós. Tirou a camisa, os sapatos, jogou o uniforme escolar de qualquer jeito na cabeceira da cama, recostou-se na pilha de travesseiros e suspirou, aliviado, já embarcado numa modorra de prazer e sonolência.

Lá fora escutou o assobio característico em três tons. Era seu amigo Andrei, que geralmente o procurava no meio da tarde, para fazerem alguma coisa mais agradável, deixando a morrinha da escola para trás, começando geralmente por fumarem um cigarrinho no morro da Caixa D'água.

Finalmente seu dia começava. Antes às duas da tarde do que nunca, pensou. Já não era sem tempo. E lá foi ele sorver, com todo prazer, o bom da vida. Nem a presença do irmão, também esparecendo com amigos e fumando um cigarrinho no morro da Caixa D'Água, foi o bastante para lhe roubar a alegria.

Garoto em viagem

O garoto sai em viagem, para visitar tios e primos no interior. Os primeiros, gentis e acolhedores, os outros muito mais novos do que ele, sempre a lhe crivar de perguntas e a acompanhar, xeretas, tudo o que fazia. Mas cabia ali cumprir deveres familiares, nada mais.

Mas do outro lado da rua havia algo diferente, que às vezes dava ao garoto a impressão de que estariam escondidas ali coisas que lhe traziam, embora de forma bem secreta e inconfessável, certo sabor de fruto proibido. Na casa em frente moravam as primas dos primos, três moças um pouco mais velhas do que ele, sendo duas delas gêmeas. E aquelas, logo que lhe foram apresentadas se desmancharam em sorrisos nos quais ele via, ao mesmo tempo, tanto boa acolhida como brincadeiras maldosas.

Mas para quem estudava em colégio masculino, não tinha vizinhas ou amigas de sua idade e mesmo entre os primos, ele, o mais velho de todos, não tinha companhias femininas de idade igual, com quem pudesse se dar, aquilo era uma espécie de prêmio, que ao mesmo tempo lhe atraía e amedrontava.

Naquele momento a atração nadava de braçadas à frente do medo.

Assim aconteceu que nas tardes vadias das férias escolares, nas quais o frescor das varandas das casas das famílias eram territórios de longas tertúlias juvenis, ele se viu rodeado de mulheres, com as quais queria, ardente, se congregar. Elas lhe retribuía os chistes e as observações mais sérias, mas quase sempre caíam em risadas intermináveis, que ele continuava a não perceber se de acolhida ou escárnio. Aquele mundo o encantava, pelo choque de sentidos frente às gírias e expressões locais, mas também pelo sentimento de intimidade com o sexo oposto, o qual agora podia desfrutar de forma inédita em sua vida.

Pôde conhecer então o fascínio das noites no interior, com os passeios rotatórios na praça, a troca de olhares, a apresentação a cada dia de novos conhecidos. Meu primo, que mora na capital – era o estatuto que lhe conferiam agora, mais uma vez o deixando confuso a respeito do verdadeiro significado da frase, dado que aquelas moças o viam com certo ar de estranheza, senão de ridículo. E ele nem era primo de verdade...

Mesmo assim tudo ali lhe corria no melhor dos mundos, mesmo os segredinhos constantemente trocados pelas moças, sempre acompanhados de risadas sem explicação. Às vezes ele percebia que falavam dele; outras tantas de terceiros, em falas das quais ele pôde captar algumas palavras, tipo ela deu pra ele; atrás daquele muro, só Deus sabe; Sim! No banheiro da escola. Aquilo o enchia de curiosidade e excitação, nem precisava perguntar de que se tratava exatamente, isso se lia nos olhos delas, com um ar de maldade e de concupiscência, o que lhe fascinava e lhe bastava.

Momento especial foi o das horas dançantes dos domingos no final da tarde, que ali na cidadezinha eram chamadas de brincadeiras. O comparecimento à primeira delas lhe foi altamente significativo, já que não foi propriamente convidado, mas sim empurrado, de última hora, a ir até lá. Mas isso, longe de lhe provocar desgaste, acabou por deixá-lo orgulhoso, interpretando a impulsividade do convite das garotas a um desejo real de que ele lá estivesse com elas. E no salão do clube as coisas lhe saíram bem melhor do que qualquer encomenda que pudesse ter feito. Simplesmente bailou, ou melhor, rodou, de mão em mão, compartilhando passos não só com as primas dos primos, mas também com suas amigas e amigas de amigas. Até ficar tonto! E mais alterado ainda se viu, com a oportunidade de colar sua cara em tantos rostos diferentes, impregnar-se com perfumes variados, encontrar coxas calorosas e, principalmente, em ouvir palavras – nem todas devidamente compreendidas por ele – pronunciadas a mínimos centímetros de seus ouvidos. E com vozes femininas! Era o céu que lhe ofereciam ali!

Aquilo lhe encheu de vontade, principalmente a de encontrar ali um colóquio especial. Quem sabe uma daquelas garotas, próximas ou adventícias, não toparia levar com ele um namoro, mesmo que fosse com prazo de duração marcado? Ele até sabia com quem poderia tentar, uma das gêmeas, que lhe parecia dar atenção mais especial do que as irmãs

ou as demais companheiras. É bem verdade que ela era dois anos mais velha, mas pelo menos tinha estatura menor, o que lhe parecia ser um ponto de vantagem para si.

Tendo tomado a decisão, pôs-se a pensar na estratégia mais adequada, embora qualquer experiência anterior no assunto lhe faltasse inteiramente. Achou que seria adequado lhe escrever um bilhete, se declarando – e assim o fez: você não sabe quem eu sou de verdade, mas quero lhe dizer que eu lhe observo muito e acho que tem tudo a ver comigo, acho que posso lhe fazer bem feliz. O mais eram cumprimentos e banalidades, totalmente supérfluas.

Mas não criou coragem para entregar pessoalmente o bilhete a sua musa. Deixou-o na caixa de correio daquela casa da frente, onde viviam as sílfides e particularmente aquela de seus sonhos. Depois que o envelope foi tragado pela tampa móvel do recipiente, lembrou-se que havia esquecido de colocar o nome da destinatária. Aliás, nem o seu nome estava ali, já que sua decisão era de fazer um contato anônimo.

Poucos dias depois as férias terminaram e ele voltou para a Capital. Nos últimos dias, as sílfides foram passar os dias finais de folga escolar na fazenda da família. E ele não obteve resultado algum de sua tentativa de querer ser e fazer alguém bem feliz.

Sentiu-se bastante infeliz, mas isso durou apenas uma semana. A vida lhe traria outras surpresas, mas aquela temporada lhe mostrou que a vida era coisa sempre variada e até mesmo educativa, era preciso ser um expectador atento dela.

Não lhe faltaram oportunidades. Nas férias seguintes, o garoto saiu de sua cidade, tão recolhida a si mesma e às suas montanhas, e foi fazer sua primeira viagem para um lugar mais distante. Ele ainda não sabia, mas depois disso seus horizontes não seriam os mesmos.

São Paulo era o destino e alguma coisa acontecia ali, de fato, para ele – e não era só andar pela esquina da Ipiranga com a São João. A canção ainda não tinha sido escrita ou, pelo menos, não era conhecida. Um Cometa, não interestelar, mas movido a diesel, pego em sua cidade, com o detalhe importante de fazer isso sozinho pela primeira vez na vida, nas regulamentares nove horas o levou a Pauliceia. Na velha estação rodoviária da cidade, lugar onde hoje ninguém, muito menos um menor, poderia andar sem estar prevenido contra “fel, moléstia ou crime”, desceu do Cometa e entrou no ônibus para buscar a periferia da cidade, onde moravam os tios que o abrigariam. Chegou de noite, depois de algum temor de se perder, mas foi muito bem recebido, impado de orgulho pela autonomia recém conquistada.

O tio era um sujeito especial, mesmo com a idade que tinha o garoto, já o tratava com honras de adulto – era tudo o que ele queria. Com poucos

dias na casa deles, já familiarizado com o ambiente um tanto tosco do remoto bairro da Zona Leste, resolveu ampliar seus limites. Como o casal já tinha três filhos, uma escadinha, todos pequenos e portadores de previsíveis querelas infantis, as demandas ao primo que veio de longe eram incessantes. O garoto, naturalmente, queria respirar uma atmosfera mais descomprometida e assim, depois de estudar com profundidade um mapa do centro da cidade, tomou o trem que o levaria à Estação D. Pedro. A pé, alcançou o Anhagabaú e foi ainda mais além.

Começou pelo reconhecimento do terreno. Da Estação, explorou o grande parque e rumou ao Vale, registrando cuidadosamente o trajeto daquelas ruas estreitas que acabaram por conduzi-lo a Santa Ifigênia e ao Viaduto do Chá. Atravessou o soterrado riacho para conhecer o Teatro Municipal, o Largo do Arouche e a famosa esquina depois cantada por Caetano. Seguiu São João, subiu Consolação e São Luiz, virou a Paulista. Achou que valia a pena voltar e o fez também em outros dias, mudando seu objeto, da geografia urbana paulistana para a exploração dos cinemas da capital, enormes e numerosos.

Um dia descobriu estar em uma zona de prostituição. O temor frente aos possíveis riscos do lugar logo foi substituído por fatal curiosidade. E por ali perambulou por algumas horas, recebendo os olhares de reprovação ou de sedução, dependendo do caso, daquelas mulheres que nem em seus sonhos mais atrevidos poderia encontrar. Coroou sua tarde com refrigerante e pastel, numa espelunca de esquina, na qual um homem matava sua solidão ou quem sabe sua dor de cotovelo, escutando, numa máquina de se colocar fichas e tocar discos, o bolerão El Reloj, vezes e vezes sem conta.

Nos dias seguintes, juntou parques trocados e assistiu a uma maratona de filmes. Aquilo era encher a alma de cultura e informação. Um dos filmes que assistiu então, um western, de repente lhe provocou a fúria de ser do contra, pois era elogiadíssimo como comédia e como transposição do ambiente western para a África. John Wayne em um de seus papéis magistrais. Ao voltar à Província, dias depois, expôs sua crítica a um amigo cinéfilo. O céu, simplesmente, ruiu sobre sua cabeça, pois para o tal projeto de Godard, Hatari, o tal filme, era obra prima. Para garoto, apenas porcaria. Não houve acordo possível, por pouco se rompeu uma forte amizade.

Ele retornou à Província mais culto e mais sabido, mas não menos repleto de dúvidas. Não chegou a fazer uma retrospectiva do que representara sua evolução como ser humano e como homem no último ano, desde suas férias no interior, mas no íntimo percebia que muitas coisas haviam mudado para ele.

E assim partiu, aos 17 anos – impressionante como um ano faz diferença nessa época da vida – para conhecer, agora, o Rio de Janeiro. Obrigação de provinciano que se prezasse, claro. Do Rio, a primeira vez, ninguém

esquece! Achou a cidade pouco convidativa em matéria de odores e temperatura, mas o resto lhe encantou profundamente, embora em estado permanente de estranhamento. Ficou hospedado no apartamento dos tios, na Zona Sul. Ali ele foi apresentado a mordomias diversas, com especial destaque para a coleção de long-plays clássicos que o tio possuía e que foram logo colocados à disposição dele. De quebra, ainda tinha o proprietário dos discos como interlocutor qualificado a comentar com ele as obras que escutara antes do tio chegar. Como todo bom iniciante, amarrou-se em Vivaldi, não só nas Quatro Estações, mas também nos Concerti Grossi, que ele logo trauteava com gosto e ardor de um velho conhecido.

Ele já não estava tão ligado em cinema como no ano anterior. É bem verdade que agora tinha certa variedade de filmes à sua disposição – e sem sair de casa! Televisão? Não – algo muito melhor! É que os tios moravam em uma rua estreita do bairro das Laranjeiras e apartamento deles, em andar elevado, se situava numa muralha de edifícios que por sua vez ficava de frente (e de costas) para outras muralhas. Se alguém chegasse a uma janela qualquer, tinha visão imediata de algumas centenas de outras janelas, a partir de todos os ângulos do imóvel. E o tio, militar reformado da FAB, era proprietário de um extraordinário binóculo. Assim...

Resumo da ópera, ou melhor, do filme: o garoto, que nunca havia visto sequer uma dama de roupa íntima ao vivo, tinha agora à disposição dezenas delas, a qualquer hora do dia, algumas sem qualquer vestimenta, em total intimidade...

Se o Rio foi tão significativo para aquele garoto, agora quase um rapaz, já nessa primeira visita, as cenas paradisíacas que ele assistiu a partir daquela Janela Indiscreta, o marcaram mais ainda. Pela vida a fora.

O tempo não volta atrás, por certo. Mas as boas lembranças ninguém rouba de alguém. Isso tinha sido o bastante para ele, que encontrou, nessas e em outras viagens, nem todas bem-sucedidas, novos caminhos no amor e na cultura. De nunca mais se esquecer.

Menina de tranças

Ele acordou cedo naquele dia. Aliás, nem dormira direito toda a noite, tal era sua expectativa. Afinal, iria sair para uma viagem com o pai, só os dois e mais ninguém, como ainda não acontecera em sua vida. Era uma viagem de ‘negócios’, assim a designava o pai, até então desempregado, que iria tentar uma carreira de representante e vendedor de produtos alimentícios pelo interior do estado.

O garoto estava particularmente feliz, e mesmo surpreso, porque acabara de sair de um período tumultuado de convivência em casa. Uns dias antes, fora separar uma briga de dois irmãos mais novos e acabou sendo ele próprio punido pelo pai, de forma violenta, responsabilizado como o agente e não o moderador da confusão, sem que fosse defendido pelos contendores ou pela mãe. Em outro momento, como trouxera da escola um boletim com notas sofríveis, a própria mãe, que nos casos mais graves recorria ao pai, desta vez o recriminou diretamente, punindo-o com a suspensão do Chica-Bom semanal por todo o mês.

Tudo isso era rotina em sua vida, em particular as surras aplicadas pelo pai, por motivos que muitas vezes lhe pareciam fúteis, mas o último mês lhe fora especialmente ingrato. E a última daquelas surras, com um cinturão sempre pendurado atrás de uma porta para tal finalidade, lhe havia deixado uma marca da fivela na coxa, ainda roxa e um tanto dolorosa na véspera da prometida viagem.

Mas aquela manhã era promissora e estava bem começada, com o pai encarregando-o de colocar as malas no carro e ligar o motor, para que esquentasse enquanto tomavam o café da manhã, conforme costume da época. Ao cuidar de tais afazeres, ajeitou no banco traseiro, com especial atenção, o embrulho feito com pano de prato, com algumas guloseimas que a mãe preparara para a viagem. Nada poderia ser melhor do que aquilo.

E seguiram pelas estradas, inicialmente já conhecidas, mas logo em seguida adentrando mais e mais em territórios ignotos. O pai, ordinariamente taciturno lhe parecia, desta vez, especialmente atencioso, embora não desse resposta à totalidade de suas perguntas e observações surgidas durante a viagem. Mas para ele aquilo era, ainda assim, o melhor dos mundos.

Pela hora do almoço já estavam em outra cidade, diferente de todas as outras que ele conhecera, com suas ruas empoeiradas, casario antigo e uma enorme estação de trem. A natureza, para se chegar até ali, era uma vastidão plana, totalmente diversa do ambiente montanhoso ao qual ele estava acostumado, e ali cresciam árvores esquisitas, tortas e cascudas. Aqui e ali pessoas vendiam os frutos típicos daquela paisagem, de uma tonalidade amarela e de um odor penetrante, como ele nunca havia visto ou sentido antes. Aprendeu, logo de saída, o nome de tais coisas novas que aquela viagem, tão augurada, lhe trazia: o mato era cerrado e o fruto pequi.

A hora do almoço, em restaurante próximo à estação, ainda lhe trouxe mais coisas novas, como a comida fortemente temperada, a carne de bom sabor, mas especialmente salgada, as garrafas de pimenta, imensas e enroladas com sabugos de milho. Em uma mesa próxima, um homem retirava desses frascos quantidades enormes de pimenta, colheradas e mais colheradas, que uma vez amassadas com um garfo no prato, ele

comia em forma de pasta no pão, demonstrando grande prazer com isso, embora seu rosto se transfigurasse em tons de vermelho ao roxo e o suor lhe corresse pela testa e bochechas como se estivesse debaixo de um chuveiro.

E as surpresas se acumulavam, a cada momento mais interessantes. Agora, era o trem de ferro, que o garoto iria experimentar pela primeira vez na vida. Deixariam o carro naquela cidade para ir até outra mais adiante, na qual se iniciariam, finalmente, os 'negócios' que haviam motivado aquela excursão de filho e pai pelos sertões do estado. Era tudo emoção.

O trem lhe provocava especial sensação, mas ele o achou lento, barulhento e, principalmente, muito malcheiroso, dada a proximidade do assento que tomaram em relação ao banheiro, em uma ponta do vagão. Mas ver a paisagem pela janela, depois de algum tempo recompondo sua familiaridade com as montanhas, lhe era prazeroso, de forma especial. Em dado momento, ele pôde ver um grupo de pessoas junto a um pontilhão, em atitude de quem usufruía de um banho de rio. Eram mulheres, estavam em trajes sumários e uma delas, ele mal e mal percebeu, se escondeu de forma apressada atrás de uma moita, por estar, ao que parecia, nua. Ele mais tarde chegou a duvidar se vira de fato os seios ou mesmo a mancha negra do púbis, tão de relance aquilo ocorrera, mas a sensação proibida, por si só, já lhe bastava. Só não viu mais porque, numa curva, a chuva de fagulhas e fuligem lançadas pela velha locomotiva, lhe turvou por completo a visão. Ver uma mulher nua: aquilo era a melhor novidade, em um dia tão cheio delas. Anos mais tarde ele se lembraria disso ao ler um poeta que tratara algo semelhante como meu primeiro alumbramento.

Lamentou que a cidade de destino lhes chegasse antes do esperado, pois mesmo com os percalços do desconforto e dos maus odores, estava apreciando, de verdade, aquela inédita jornada em trem de ferro. Ainda mais a nova cidade, a segunda em um único dia, lhe pareceu curiosa e digna de ser apreciada. Cercada por uma natureza de pedras muito claras e portentosas, com a vista alcançando largos horizontes, mesmo com tudo isso o que mais lhe chamava atenção eram as ruas estreitas, calçadas por enormes placas de pedra e o casario antigo, com paredes brancas, janelas e portas muito coloridas. E uma profusão de igrejas. Ali fazia frio, bem mais do que na parada anterior e o pai lhe explicou que isso era devido à altitude.

Tomaram hotel, num casarão da rua principal e ele ficou feliz pela situação do quarto, que projetava uma graciosa varanda em direção à rua de frente. Saíram para jantar e mais uma vez lhe tocou a feliz sensação de estar agora a fazer certas coisas que eram totalmente raras em sua vida com a família. Lembrou então dos irmãos, não com saudades, mas pensando na inveja deles se soubessem de suas aventuras naquele dia. Não conseguiu aproveitar bem o jantar, porque lhe pareceu ter gosto

estranho aquela sopa, no que o pai, em raro gesto de afinidade, concordou com ele. Mas ficou feliz por ter tido o direito de completar a refeição com um refrigerante.

Depois do jantar andaram por momentos pelas ruas centrais, com ele encantado com as fachadas dos casarões, tão diferentes e muito mais bonitos do que os prédios que ele conhecia em sua cidade. Em uma esquina, homens e mulheres se agitavam, mesas na calçada e casais abraçados, com música e luzes abundantes, em torno do que parecia ser uma festa. Ficou curioso com o fato que aquilo acontecia em várias das casas daquela rua, algumas das quais mostrando uma luz vermelha na porta. O que seria aquilo?

Quando ele achou que o passeio noturno estava apenas começando, o pai o surpreendeu com uma mudança de planos, dizendo que seria melhor eles retomarem ao hotel. Eles? Os dois? Qual seria o motivo? Logo viu que a determinação alcançava apenas a ele. O pai apenas o conduziu ao quarto, recomendou-lhe que não trancasse a porta e saiu de novo, deixando-lhe ali um tanto frustrado. Mas, pensando bem, gratificado pelos acontecimentos do dia. Mais do que ele merecia, pensou, modestamente.

Com tantas emoções o sono não lhe tardou. Só deu por si no dia seguinte, já com o sol alto, o pai na cama ao lado. Não percebeu a hora que ele havia chegado, mas achou estranho que àquela hora, com o sol batendo de chapa no cômodo, ele ainda estivesse na cama, contrariando seu costume, o que o fez pensar que ele devia ter chegado bem tarde.

O dia agora, era para os tais ‘negócios’. O pai determinou que ele lhe acompanhasse, não perguntando se ele gostaria de ficar no hotel ou fosse fazer outra coisa, vagar por aquelas ruas que lhe agradavam tanto, por exemplo. Mas aquilo era apenas costume, nada mais, e segundo o que já lhe havia dito o pai, era assim que ele fora criado também. E acrescentava, enfático e com o dedo em riste: e olha que eu tenho o maior respeito pelo seu avô, que foi um excelente pai para mim.

Para que discutir? Vai ver que a lei do mundo sempre foi esta... Além do mais, nas raras ocasiões que ousava contestar o pai o assunto era encerrado com opressivo silêncio, quando não com gritos e ameaças.

Pela hora do almoço, mais novidades. Sem que ele soubesse o motivo o pai lhe avisou: -você vai voltar para casa hoje. Ele esboçou querer saber o porquê. – Vai voltar e não discuta, rapazinho, eu estou mandando. E completou: se quer saber mesmo, vou lhe dizer: como é que você viaja sem trazer um agasalho? O garoto: - mas foi a mãe que arrumou a mala... O pai: calado! Antes que eu me enfureça de vez...

Bobagem querer discutir com alguém assim, mais uma vez ele se resignou...

E assim, 24 horas depois das emoções de viajar de trem, de ver aquela moça nuazinha no banho, do contato com uma cidade tão diferente de bonita, e da aprazível caminhada noturna com o pai, viu-se o garoto embarcado num ônibus, de volta à companhia da mãe e dos irmãos. Calado, frustrado, sem saber o real porquê dos novos acontecimentos e o que é pior, depois de ter experimentado, por momentos fugazes, a sensação agradável de que o pai finalmente lhe fazia justiça.

E naquele ônibus velho e moroso, não menos desagradável nos ruídos e odores que o trem da véspera, embarcou, com a mente turvada por pensamentos sombrios e sentindo muita pena de si mesmo. Na primeira parada, quis esvaziar a bexiga e não conseguiu, por ter ao seu lado um brutamontes que fazia questão, bem a seu lado, de balançar seu instrumento vigorosamente e ainda liberar ruídos intestinais com grande estrépito. Tornou a embarcar no calhambeque não menos chateado, mas agora premido por uma bexiga incomodamente cheia.

Poucos quilômetros adiante, aconteceu. O ônibus para bruscamente e depois de alguns minutos de espera o motorista anuncia que havia um defeito grave no radiador e que tinham que aguardar um contato com a empresa, para ver a solução que seria dada. Havia um estabelecimento nas proximidades, coisa de um ou dois quilômetros, e os passageiros poderiam esperar lá.

Logo uma fila se fez, puxada pelo auxiliar do motorista, e os passageiros foram encaminhados a seu destino intermediário, na verdade um misto de lanchonete, armazém, hospedaria e borracharia, algo bem comum nos interiores do país. O atraso da viagem, embora tenha preocupado o garoto logo que anunciado, acabou por deixá-lo relaxado, não só por lhe retardar a volta ao lar, de onde ele preferia estar distante, mas também por lhe augurar possibilidades, quem sabe, de aventuras que poderia contar aos irmãos posteriormente, tirando de tal coisa não poucas vantagens. Além disso, também por acarretar possíveis preocupações à mãe, que certamente fora avisada e lhe esperava ainda na noite daquele dia. Com isso ele, intimamente, se regozijava. Assim, a sombra inicial logo se transformou em serenidade e até certa alegria.

Com os trocadinhos que tinha no bolso, dados pelo pai à hora do embarque, viu que pelo menos poderia comer um pastel com caldo de cana, o que lhe pareceu de bom tamanho. Como a empresa logo conseguiu um local para que os passageiros guardassem seus pertences e ele na verdade só portasse uma pequena sacola, viu-se logo liberado a explorar os arredores do estabelecimento, enquanto ainda havia luz do dia.

Andando por ali viu nos fundos uma casa, que parecia – e depois se confirmou – ser a residência dos proprietários do estabelecimento. Foi recebido de maneira festiva pelos cães e logo passou a brincar com eles, em total compartilhamento de afeição. A criação do terreiro, representada

por perus, patos e galinhas, também logo lhe chamou atenção e ele até mesmo julgou ter atraído a atenção especial de algumas dessas últimas, que vieram cacarejar em torno dele, fazendo-o sentir bem recebido e mesmo festejado. Isso tudo antes de perceber algo realmente novo no cenário, uma aparição que verdadeiramente celestial.

Sim, acabava de chegar uma menina mais ou menos de sua idade, loura, com um jeito de anjo, como aqueles que havia aos pés de uma Nossa Senhora que a mãe guardava no quarto, numa espécie de altar e a quem às vezes orava para que a vida da família melhorasse. Ela sorriu para ele e logo foi lhe perguntando o que fazia ali. A cena da moça no banho lhe voltava agora, mas carregada de outros sentimentos, que misturavam ternura e encantamento. E melhor ainda, uma presença física e consumada, vestida, sem qualquer fuligem ou turvação.

Ele falou do ônibus e ela se mostrou preocupada com o fato de que alguém de sua idade viajasse sozinho. Ele não perdeu a oportunidade de lhe pregar umas mentirinhas, que aquilo era comum para ele, que auxiliava o pai em seus negócios e que agora voltava ao escritório da firma, na capital, para tomar algumas providências. Ela não pareceu acreditar muito naquilo, e se manifestou sobre o quanto achava pouco adequado aquilo, dada a idade dele, que ela logo constatou ser de apenas um ano a mais do que ela. Aproveitou para contar a ele que ainda não havia ido à cidade grande, a capital, onde ele morava, o que mais uma vez abriu ao herói a oportunidade de contar algumas mentirinhas e vantagens, sobre a altura dos edifícios, as sessões semanais de cinema assistidas por ele, a recente compra pela família de um aparelho de TV, as idas habituais dele e dos irmãos a uma sorveteria, onde podiam consumir quantos picolés de Chica-Bom quisessem.

E ela cada vez mais interessada o colocava em um pedestal no qual ele jamais imaginaria estar. Falou da vida dela também, da escola que tinha que andar mais de uma hora para alcançar, da amiga principal que só podia ver em dias de aula, da tristeza que era ser filha única e não ter irmãos, da perda recente da mãe, dos sentimentos do pai recém enviuvado e tendo que cuidar do múltiplo estabelecimento ali ao lado, e mais da chácara onde viviam. De sua própria vida de trabalhos diversos, que incluíam cuidar da casa, tratar dos bichos e até mesmo lavar a roupa da família, na verdade restrita a ela e ao pai.

Ele encantado e ao mesmo tempo penalizado com aquilo a escutava, deixando de lado, aos poucos, as lorotas que vinha inventando. Já escurecia e a conversa prosperava, de maneira surpreendente para ele. Ela concentrada na conversa e ele não menos, feliz por perceber agora que aqueles últimos contratempos, que incluíam a devolução forçada a sua casa e o enguiço do calhambeque, vinham de fato para o bem

Ela o chamou para conhecer a casa, mostrou-lhe a sala, a cozinha, o quarto do pai e – suprema glória! – o próprio quartinho dela, com sua

pequena coleção de bonecas, sua Nossa Senhora, seus dois ou três pares de sapatos, arrumadinhos debaixo da cama coberta por uma manta xadrez. Aquilo tocava fundo a alma do garoto, ele não sabia bem o motivo, mas exultava de íntimo prazer, por ter encontrado o que ele já considerava uma alma irmã.

Como já anunciavam a chegada de um novo ônibus, ele teve que se despedir. E então veio o prêmio do qual ele jamais se julgaria merecedor: ela se aproximou, tocou-lhe o peito com a mão e lhe pessegou um beijo na bochecha, tímido, fugaz, um pouco seco, mas sempre um beijo.

Ele voltou para casa feliz. A injustiça e a violência do pai, as discórdias com os irmãos, os eternos queixumes da mãe, o ambiente sombrio e infeliz da escola, as dificuldades com a aritmética e sua professora antipática, nada disso era agora problema insolúvel para ele. Com aquela despedida que lhe oferecera o anjo de tranças loiras, a vida realmente ganhava sentido. E ele, de repente, se via feliz. Como nunca. O resto não importava.

Afinidades eletivas

Gustavo chegou da escola chorando, inconsolável. Não era costume seu. A mãe, preocupada:

- Por que você está assim, Gugu? Conta pra mamãe o que aconteceu.
- Ele falou que eu tenho um nome de cobra.
- Nome de cobra? Que história é essa, quem lhe disse isto?
- Aquele menino lá.
- Como é o nome dele?
- Acho que é Renato. Vou bater nele com uma pedra.
- Filho, não faça isso!
- Não posso fazer nem isso nem nada, Mamãe? Mas eu preciso muito fazer alguma coisa...
- Então você faz o seguinte: diz para ele que Renato é nome de pato. E vai ficar tudo resolvido.

Volta no dia seguinte, ainda choroso e aborrecido com a vida.

- O que foi meu filho, agora?
- Ele não se chama Renato...
- Qual é o nome dele, então?
- Esqueci de perguntar...
- Amanhã então você pergunta.

Volta para casa finalmente alegre, no modo Gustavo habitual de convivência. A mãe nem lhe pergunta nada; ele próprio se prontifica a esclarecer.

- Sabe o Pablo, Mamãe?
- Quem é Pablo? Será que eu conheço?
- Aquele coleguinha que eu pensei que era Renato.
- Sim, claro, a Mamãe se lembra. O que aconteceu?
- Não aconteceu nada. Ele agora é meu amigo.

Um dia depois.

- Sabe a Manuela, Mamãe?
- Sim Gugu, a filhinha de minha amiga Neide, da sua idade.
- Ela mesmo, irmã do Joaquim...
- E o que tem a Manuela?
- Você sabia que ela falou que queria namorar comigo?
- Nossa! Verdade, Gugu? Quando ela falou isso?
- Hoje, na hora do recreio...
- E você, o que disse para ela?
- Falei que sim, mas só se o Pablo pudesse também brincar disso, com ela e eu.
- Você acha mais legal assim?
- Sim mamãe. O Pablo é o melhor amigo que tenho agora.

Passam os dias. Não se teve mais notícia do triângulo amoroso. A mãe resolve especular depois de algum tempo.

- Então, Gugu, quais são as novidades na escola.
- Chegou um menino novo lá, grandão. Ele é tão estranho... já mordeu umas crianças na sala da gente. Teve até que ir para a diretoria.
- Quis morder você também?
- 'Ni' mim não, só no Pablo.
- No Pablo, coitado! E você, o que fez?
- Eu 'esculpi' nele!
- Cuspiu? Que coisa feia. Não é assim que a gente faz. Tem que avisar pra professora!
- Ele mordeu 'nela' também...
- Mas mesmo assim...
- Mamãe, é que eu sempre 'protojo' as pessoas que eu gosto, viu?

Nisso a mãe encontra sua amiga Neide na porta da escola. Conta-lhe a novidade das intenções de namoro de Manuela com Gustavo e a resposta dele, propondo incluir o amigo. Neide acha graça, não sabia de nada. Mais tarde, em casa:

- Gugu você não falou mais nada da Manuela... Está tudo bem com vocês.
- Eu nem vi ela hoje... Acho que está doente, de catapora.
- Acho que ela estava na aula, sim. Até encontrei com a mãe dela na porta.
- Ah, é porque a gente quase não conversa mais...
- Mas vocês não iam até namorar?

- Ela queria mesmo. Até namorar o Pablo junto comigo. Mas ele não quis.
- Não quis? Como assim?
- Ele falou que ela tem nome de coruja... E me chamou para gente juntos namorar a Lis, que é loirinha e tem olho azul. Ele gosta mais dela. Disse que o nome dela é de tartaruginha listrada.
- E você? Gosta mais como?
- Gosto mais de quê, Mamãe?
- Olhos... Qual cor prefere?
- Eu? Qualquer cor...
- E vocês contaram para a Lis que estão interessados em namorar com ela?
- Eu não. Vou aposentar deste negócio de namorar, como o vovô fez com o trabalho dele. Agora só quero casar, mas não achei ninguém pra combinar isso comigo. Acho que sou novo ainda. E dá muito trabalho...

Passa o tempo...

- Mamãe, agora briguei com o Pablo.
- Por que, meu filho?
- Ele falou que meu nome é de cachorro.
- E você, o que disse pra ele?
- Cachorro e dinossauro são os bichos que eu gosto mais! Não estou nem aí... Pior é ele, que tem este nome que parece de 'covirus'.
- Mas vocês brigaram, de cuspir, bater?
- Não, a gente agora é de cinco anos, não briga mais. Foi cada um pra sua casa. Amanhã a gente combina o que vai fazer. Sabe, Mamãe: de noite a gente sempre pensa as coisas melhor do que durante o dia.

Minisclânea

• **Menino não tem vez**

Cansou de ouvir aquilo do pai, dos tios, de alguns parentes mais velhos. Da mãe, não. Um dia saiu de casa meio chateado, por este e por outros motivos. No caminho encontrou uma cigarra viva e a levou consigo. Ela cantou no bolso de sua camisa. Mais à frente havia um jogo de gude e ele entrou, convidado por um menino maior; ficou feliz com um novo amigo. Uma chuva forte molhou-o por inteiro, mas só fez aumentar seu prazer. Pensou: quem não tem vez são eles.

• **Milagre**

Quando saiu da confissão, chovia. Andou pela rua vários metros sem se molhar. Deus o havia perdoado de forma completa, pensou, ao ponto de fazê-lo partícipe e alvo de um milagre.

- **Formigas em ação**

Diante do carro enguiçado na estrada o menino viu as formigas em sua faina carregadeira. Cada uma a transportar folhas muito mais pesadas do que si própria. Se juntar todas não levariam este carro para a oficina? indagou para si.

- **Domingo**

Voltando para casa depois de uma visita ao hospital onde a mãe estava há meses internada, o menino se deu conta que o domingo à tarde é dia de tristeza e de desesperança. Além de ser a véspera de voltar à escola.

- **Pecado**

O padre sentou-se do seu lado, no salão paroquial quase escuro e lhe indagou, quase a sussurrar, se ele tinha algum pecado para confessar. A voz grossa, o cheiro de cigarro e cebola, a barba por fazer que lhe roçou de leve a face, lhe deram a impressão que o único e verdadeiro pecado era aquilo.

- **Decisão**

A mãe queria que ele fosse estudar no Colégio Militar. – Deixa comigo, falou para ela. No dia da seleção entregou a prova em cinco minutos. Em branco.

- **Flerte**

No ônibus, passou a viagem inteira trocando olhares com aquela menina loura, de olhos azuis, lacinhos cor de rosa no cabelo e vestido da mesma cor. Apaixonou-se. No dia seguinte ela não estava. Nem nunca mais.

- **Finitude**

- Vovô, quando é que a gente morre?
- A gente tem que ficar bem velhinho, todo enrugado, com a cabecinha branca, usar dentadura. Não se preocupe, você está muito longe disso!
- Mas e você, vovô, por que está vivo ainda?

- **As pernas curtas da mentira**

Saem de casa com o avô para passear. Pela primeira vez na vida vão andar de ônibus. O avô tenta não pagar a passagem do menor, mentindo sobre sua idade. A outra ataca:

- É mentira dele, moço, a gente é gêmeos!

- **Sincericídio**

Não gosto de meu avô. Ele fala mentiras. Disse que eu sou uma menina bonita e bem-educada.

- **Pão-pão, queijo-queijo**

Não entendo gente grande. Minha mãe quer que eu sorria, beije e abrace a prima Zenóbia. Mas quando está longe, só fala mal dela.

- **Vó & Neto**

- Você quase nunca aparece, só vem me ver na correria, passou meu aniversário sem vir aqui ou pelo menos me ligar.
- Mas vovó...
- Além do mais, sempre me pede um dinheirinho.
- Calma vovó! Pode ter certeza eu penso muito em você!

- **Regalo**

- Trouxe um presente lindo para você.
- Mostra.
- Aqui, nesta caixinha. Veja.
- Não acho graça em besouros verdes. O Gugu me trouxe ontem um rabo de lagartixa que ainda se mexia.

- **Sawyeriana**

- Posso pintar esta cerca junto com você?
- De jeito nenhum! É muita responsabilidade...
- Ah deixa... O que você quer para deixar eu pintar?
- Vou pensar... Quem sabe se você me der uns beijinhos?

- **Cosmogonia**

- Mamãe, o que é infinito?
- É uma coisa muito grande. Muito grande mesmo.
- Como o mar?
- Não, maior ainda.
- Então o infinito é o que fica depois do mar?

- **Pós-vida**

- Mamãe como é a gente morrer?
- É como aconteceu com a vovó Maria...
- Você falou que ela virou estrelinha, mas eu vi que não foi assim. Ela estava só dormindo.

- **A força do pensamento**

- Estou com muita raiva daquele menino que me bateu...
- Não fique meu filho. É só você parar de pensar nele.
- Não dá certo, não *consego*...
- Por que não consegue?
- Só por um pouquinho. Quando volto a pensar nele fico com mais raiva ainda.

- **Avô**

Ele me levava para a escola dois passos adiante de mim, com suas longas pernas, sem olhar para trás. Nos sinaleiros apenas estendia a mão, como um guarda de trânsito, para que eu não avançasse além do meio fio. Mas com isso me ensinou coisas úteis para a vida.

- **Autonomia**

Resolveu mostrar que era dono de sua vida e sabia das coisas. E naquele dia fez suas necessidades no chão da cozinha.

- **Memória**

A lembrança de uma parreira carregada de uvas na infância, na casa dos meus avós, fez com que eu compreendesse de uma vez por todas o verso machadiano: mudou o Natal ou mudei eu? Mas este “ou” me parece totalmente dispensável.

Eu sou assim...

Quem quiser gostar de mim, eu sou assim. Ouvi isso no rádio outro dia. Gostei. Parece comigo. Aliás, sempre gostei de música, queria até ter aprendido quando criança, mas minha família morava longe de tudo e minha mãe não tinha e acho que ainda não tem dinheiro para pagar um professor para me ensinar. Quando pego a batucar nas carteiras da escola, nas panelas lá de casa, ou em qualquer lata velha, ninguém me segura. Quando acho em algum canto algum objeto que eu considere musical, como um balde, caixotes, garrafas e até um penico, como aconteceu outro dia, não resisto em testar para ver o som que tem.

Antes que me esqueça, meu nome é William, com dois “l”, coisa da minha mãe, diz ela que é nome inglês. Um dia descobri que este nome tem tudo a ver comigo, mas só depois vou contar. É surpresa.

A escola? Gosto de ir lá, mas acho que já aprendi tudo que podia, sou muito distraído. As tias gostam de mim, mas vejo que elas me tratam de forma diferente dos outros alunos. Ficam me paparicando e às vezes me

cuidam como se eu fosse uma criancinha. E eu já tenho 15 anos! Mas já aprendi a ler e escrever, de um jeito que até acho que dá para o gasto. Fiquei bamba em fazer bilhetes e historinhas engraçadas, que boto para circular na classe, fazendo a turma morrer de rir. Sei escrever até bem, eu acho, mas ainda não aprendi a diferença entre sessão, seção, cessão e mais outra palavra parecida, que agora eu esqueci, mas me disseram que é difícil mesmo, pouca gente sabe.

Será que não dá para levar a vida normal assim do jeito que eu sou? Acho que dá, normal mesmo.

Pois é, eu sou assim. Assim, como? Sei lá, não sei explicar direito. Mas quando vejo os outros garotos – e isso eu sei desde criança – vejo que eles são diferentes de mim. Ou eu é que sou diferente deles, quem sabe. Eles têm outras brincadeiras, sempre entre eles mesmos, parece que não gostam muito dos adultos, a não ser para pedir dinheiro. Eu sou o contrário, me sinto melhor perto de minha mãe, dos meus tios e das amigas dela, tudo adulto. Não falo de meu pai porque pouco sei dele. Ele vem me ver de vez em quando e quase não conversa comigo. Acho ele estranho. Eu nunca peço dinheiro para ele e nem para ninguém, a não ser para minha mãe, e mesmo assim é pouco. Vejo que minha mãe gosta disso, pois sempre me elogia.

Mas é realmente com os adultos que me dou melhor. Eles também me tratam bem, ao contrário das pessoas da minha idade que vivem fazendo troça com a minha cara e inventam para mim um tanto de brincadeiras sem graça. Contam umas piadinhas sobre meu jeito de andar, sobre meu rosto, meu nariz, minhas orelhas, sobre as coisas que eu digo, não sei que graça acham nisso. Mesmo quando curtem os bilhetinhos que eu fico passando nas aulas, desconfio que alguns ficam fazendo zoeira com a minha letra e as coisas que escrevo. Acho que não é porque gostam, de mim ou dos bilhetes, é apenas para zoar de mim. Eles são assim. Malvados.

Outro dia um desses garotos me perguntou se eu já nasci desse jeito. Não entendi a pergunta e ele só riu e me deu as costas. Deve ser da minha cara que ele falava. Quando me olho no espelho, pra falar a verdade, também me acho meio estranho. Se não, com quase 15 anos, minha cara parece ainda como a de uma criança. Sei lá como explicar: uma cara pequena para o tamanho de minha cabeça, com uns dentes meio tortos, nariz levantado pra cima, meio zarolho. Um desses chatos da escola me disse outro dia que meu nariz parece estar sempre cheirando pum. Sei lá o que é isso.

Sou pequeno também, aliás, o menor de toda a turma. Com a idade que tenho, só agora estou chegando a um metro e meio. Mamãe diz que eu ainda vou crescer. Mas não acredito. Ela é quase alta, meu pai também. Quando pergunto para ela quanto ela mede, nem me responde, apenas

me pergunta por que isso me preocupa. Pois é, me preocupa mesmo. Parece que vou ficar pequenino o resto da vida. Mas eu queria ser grande, para ver se pelo menos os garotos da escola me respeitavam mais.

Tenho amigos, sim. Poucos, mas muito legais. Como já falei, prefiro ter adultos por perto, mas tem a Aninha, que é da minha sala na escola, que faz parte, como eu, da turma dos diferentes. Ela é baixinha que nem eu, meio gordinha, tem os olhos puxados. Botaram o apelido nela de Japa, Japinha, coisa daqueles que também me perseguem. Mas ela não liga. Está sempre sorrindo pra todos, é boa para fazer amizades, não é como eu que às vezes fico zangado, principalmente quando abusam. Gosto de conversar com ela, embora não entenda muito bem o que ela diz, com sua língua presa. Sempre passamos o recreio juntos, dividimos nosso lanchinho e eu fico no lucro, porque o dela é sempre melhor que o meu. Quase todo dia tem presunto, requeijão, morangos. Bom demais. Ela está sempre de boa, mas se irrita quando acham que é sua avó, e não sua mãe, que vem trazê-la todo dia na escola. Bobagem se incomodar com isso, eu digo para ela, mas ela sempre fica nervosa e triste.

Não é que eu não goste de crianças e adolescentes como eu. O problema, eu já disse, é que me tratam mal, fazem piadinhas comigo. Menos esta Aninha, claro. Os adultos me tratam melhor, bem melhor. Desde que me entendo por gente é assim. Minhas tias e primas mais velhas, e os amigos e amigas de minha mãe, sempre me rodearam, pedindo para contar alguma de minhas histórias, tirar um som em algum pandeiro ou tamborim. Gosto muito de música e decoro rápido as melodias, mesmo aquelas que têm uma letra enorme, Faroeste Caboclo, por exemplo. Sou fã de Renato Russo, quando vejo as fotos dele acho que até pareço um pouco com ele. Pena que já morreu.

As pessoas amigas sempre me pedem também para fazer caras engraçadas e imitações, de gente, de bichos, de personagens da televisão. Eles se divertem e eu também. Uma tia minha falou que eu até podia ser ator. Quem sabe?

Outra facilidade que eu tenho é encontrar rimas para as palavras. Qualquer uma. É só a pessoa me dizer que eu acho logo, às vezes até umas coisas meio malucas. Outro dia minha prima pediu que eu encontrasse uma rima para Tijuca, para onde ela ia viajar, e eu falei açúcar. No começo riram, mas depois acharam que tinha tudo a ver. Para romântico encontrei atlântico, mas fiquei com inveja de Caetano Veloso quando vi que ele rimou esta mesma palavra com anti-com (putador). Isso é que é saber fazer rimas! Mas eu chego lá!

Acho que sou assim desde menininho. Essa coisa de chegar nas rodas de adultos e logo ir puxando conversa e fazendo graça é comigo mesmo; às vezes acho que já nasci assim. Quando conto certas histórias para minha mãe, ela às vezes diz que não é possível eu me lembrar de coisas que

aconteceram quando eu tinha menos de três anos de idade, mas eu sei que é verdade, apenas me lembro, não sei como, mas me lembro. Talvez isso venha de eu pedir muito a minha mãe para falar de coisas de quando eu era criancinha. Ela sempre me atende. Diz que eu custei pra andar, pra falar, parar de fazer xixi na cama e nas roupas. Com sete ou oito anos sempre acordava molhado, mas depois melhorei. Falava tudo errado até esta época e acho que ainda falo algumas coisas esquisitas até hoje, trocando as letras de lugar, mas às vezes faço isso de propósito, para me divertir e aos outros. E assim saem coisas como Bezolironte, paraxodo, embaixanha da espada, paulo de são folha, otondologia, esfizocrênico, merexica, acatadão e outras mais. E todo mundo morre de rir. Eu me divirto com isso.

Só nunca consegui aprender a andar de bicicleta... Ah, e detesto barulhos também. Lá em casa já pedi à mamãe para vender ou dar para os outros aquele liquidificador velho que temos. Aspirador de pó – Deus me livre – nem pensar! A furadeira de meu vizinho de apartamento, que ele liga todo dia, nem sei para que, faz uma zoeira danada e também me incomoda muito.

Acho que sou muito curioso. Há tempos que tenho o maior gosto pela meteorologia. Minha mãe diz que desde pequeno eu era ligado na previsão do tempo, quando via aquela moça na TV falando sobre isso. E até me arriscava a fazer as minhas previsões também, sempre usando o palavreado que ouvia na TV, tipo amanhã chuvas esparsas formação de nuvens temperatura estável ciclone tropical inversão térmica El Niño – essas coisas que eles sempre falam. Dona Sônia, minha professora de Estudos Sociais conseguiu uma visita para mim no Centro de Previsão do Tempo aqui da cidade e já fiz boas amizades ali. Tem um cara lá, o Elisio, que é gente boa demais, que me disse ter nascido para meteorologista, pois o seu nome é um nome de vento. Ele me dá a maior atenção e às vezes me manda mensagens falando sobre mudanças do tempo que estão para acontecer e até me perguntando minha opinião sobre isso. Ele é muito legal, ficamos amigos de verdade!

É isso aí: vou à internet todo dia para saber se vai chover, qual é a velocidade do vento, a umidade do ar, onde está seco ou úmido, o movimento das massas de ar, máximas e mínimas. Acho sensacionais aqueles mapas do Brasil e do mundo com as massas coloridas de ar e de nuvens se movimentando pra lá e pra cá. Se um dia eu for fazer faculdade vai ser para meteorologista, não para o teatro, que para mim é só brincadeira. Mas meteorologia, que para farrear eu chamo de merateologia é uma coisa bacana. Eu até acho que tenho uma intuição para isso. Às vezes acho que vai chover e acontece de verdade. E eu, por via das dúvidas, nessas ocasiões sempre carrego um guarda-chuva comigo.

Falar em guarda-chuva, outro dia eu estava com o meu no banco da praça aqui perto de casa e uma mulher puxou conversa comigo. Era uma moça, da idade das minhas primas, não uma mulher mais velha. Queria saber por que eu estava de guarda-chuva se fazia sol. Minha mãe sempre fala para eu não conversar com estranhos, mas ela tinha a cara tão boa e um jeito sorridente e tão camarada que resolvi bater um papo com ela. Expliquei o porquê do guarda-chuva e ela parece que gostou da minha explicação, tanto que danou de me fazer perguntas. Quis saber da minha família, da escola, dos meus amigos, se eu tinha irmãos, do que eu gostava e não gostava. Falamos de música, de batucada, de previsão do tempo, de minha amiga Aninha, dos chatos dos meus colegas e outras coisas da minha vida. Ela me falou que era psicóloga – psilócoga, eu logo brinquei com ela, que riu muito – e me disse que estudava pessoas assim diferentes que nem eu. Ela não usou esta palavra, mas sim outra, que não me lembro mais, mas que no fundo queria dizer a mesma coisa. Me falou que era muito interessada neste assunto porque ela também se sentia uma pessoa diferente – e logo me mostrou suas mãos com seis dedos em cada uma. Já gostei dela de cara, ainda mais depois de ver tal curiosidade. Perguntou se podíamos encontrar mais vezes e que, se fosse o caso, ela iria falar com minha mãe também, para tranquilizá-la. Falei que sim, eu estava adorando aquilo.

Falando sério, depois dessa conversa com Anamaria, que é o nome dela, acho até que tenho facilidade de me entender com pessoas com este nome, é que resolvi escrever essas coisas aqui. Ela me fez achar que isso tem importância, pelo menos me ouviu com uma atenção tão grande que eu me senti prestigiado de verdade. E não é que Anamaria até está fazendo a revisão das páginas escritas que eu levo para ela, porque passamos a nos encontrar uma vez por semana. Minha nova amiga já foi lá em casa e minha mãe gostou muito dela.

Anamaria me falou que eu tenho um troço chamado Síndrome de Williams, mas eu não entendi bem como funciona. Parece que isso torna uma pessoa diferente, como eu, no tipo de corpo, na forma do rosto, na mentalidade. Me explicou que eu sou diferente, de fato, mas não sou anormal, que posso aprender muitas coisas e ser uma pessoa muito útil para os outros, que tenho até facilidades que outras pessoas não têm, na memória, na busca de rimas ou na facilidade para música, por exemplo, e que isso faz de mim uma pessoa não só diferente dos outros, como também especial. Disse que eu posso fazer faculdade e até me especializar em qualquer coisa que eu desejar, em meroteologia – hehehe – por exemplo.

Faz tempo que não falo com a outra Ana de minha vida – a Aninha – que também tem alguma síndrome assim especial, como me explicou minha nova amiga. Preciso contar para ela que nós não somos menos importantes que os outros, que acham que são “normais”. Ser diferente,

como aprendi com Anamaria, significa também ser uma pessoa bacana e interessante, e quando temos por perto pessoas que gostam, curtem e compreendem a gente, isso é uma coisa muito boa, que faz a diferença num mundo que seria muito chato se só tivesse gente daquele tipo “normal”, que vive zoando dos outros que não são iguaizinhos a eles.

Cada um é cada um, da sua maneira, do jeito que sabe ser e gosta. É o que eu acho.

Viagem inventada no feliz

Esta é a estória [...]. Ia um menino passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. João Guimarães Rosa – As margens da Alegria

Naquele dia ele viajou sem seus pais pela primeira vez e se afastou da cidade onde moravam por muitos e muitos quilômetros, trazendo com isso uma sequência de acontecimentos inesquecíveis, que ainda o marcavam, entre surpresas e alegrias, muitos anos depois.

Na manhã fresca de abril já se perfilavam os escoteiros na porta do colégio que abrigava a sua sede. O caminhão Chevrolet Brasil, tinindo de novo, como dizia uma gíria da época, já era diligentemente carregado pelos monitores e pelos próprios garotos ali na porta. E ali se moviam caixas e mais caixas de panelas, vasilhas diversas e mantimentos, além de barracas de lona cáqui, junto com mochilas e cobertores. Eles iam participar, simplesmente, da inauguração da cidade que oficialmente se tornaria, daí a dois ou três dias, a nova capital do país. Novacap, como então se dizia. Cumpria, além de carregar o veículo, confirmar, um no rosto do outro a surpresa, a alegria e até um pouco de medo, recebendo de pais e mães ali reunidos os derradeiros conselhos de cautela.

Tudo ali era novidade e emoção. Sem deixar de lado as brincadeiras um tanto selvagens, como aplicarem uns nos outros a chamada cachuleta, uma batida forte de dedos, em leque, na bunda de quem estivesse por perto, que quando bem aplicada doía de verdade. E assim, entoando seu estranho hino, o Rataplã do Arrebol, de cujas palavras ignoravam o exato significado, se arrancaram a bordo do vistoso caminhão verde e branco, naquela manhãzinha fresca, rumo ao Planalto Central.

Entre eles, os mais viajados mal haviam passado da cidade mais próxima no trajeto, ou de suas adjacências, assim mesmo em companhia dos pais. Mas agora, não. Sentiam-se como destemidos exploradores, seguindo as regras próprias do grupo, não da família. Não poderia haver nada melhor

do que aquilo, por certo. Era tudo aventura, a começar pelo vento, que já com menos de cem km rodados havia destruído o toldo de lona posto sobre o caminhão e dispersado alguns dos chapéus de feltro, o que deixou seus donos inconsoláveis.

A paisagem de montanhas começou, aos poucos, a se transformar em vastas extensões de planuras e morros em forma de mesas. O verde familiar das plantas aos poucos se transformava em tons desmaiados ou até cinzentos e seus troncos perdiam a retidão, para formarem garranchos de formatos variados e casca espessa. Quanta novidade, pensavam.

No lugar onde se construía uma grande represa, mas aonde naquele momento se viam apenas grandes tratores a fuçar freneticamente a terra vermelha, quase nada de água e de barragem, o que se via era apenas um buraco enorme. Ali, parou-se para comer. Cada um com a sua marmita, pois naquele tempo não se conhecia fast-food, palavra que, aliás, soaria como um palavrão em língua gringa. Na beira da estrada apenas alguns estabelecimentos toscos, nos quais mal e mal se servia alguma cerveja quente e pacotes de bolacha. A solução eram as marmitas mesmo, daquelas de alumínio, variando apenas no formato, redondo ou retangular. Alguns, talvez, contassem com sanduíches de presunto e queijo na matula que veio de casa, mas apenas os mais afortunados.

Ali o garoto constatou, com total dissabor e frustração, que a comida preparada na tal marmita, com todo o carinho da mãe, na véspera, simplesmente azedara, irremediavelmente. Um colega caridoso lhe ofereceu uma banana, com a casca já preta, a qual comeu com gosto, apesar de tudo. O que fazer, a não ser isso?

Chegaram esbodegados à velha cidade de ruas tortas, ainda longe do destino final, mas já a tempo de dormir. Um Grupo Escolar lhes serviu de abrigo e ali o chão lhes serviu de cama, sem direito a um chuveiro. Na primeira madrugada o Planalto já lhes mostrou sua inclemência, quase lhes congelando as partes do corpo que não lhes foi possível cobrir. Mas tudo era novidade e aventura, além de juventude, embora das vantagens desta última ainda não tivessem completa consciência.

Mais adiante, no dia seguinte, em paisagem agora marcada por planuras altas e pedregosas, onde ambulantes na beira da estrada vendiam cristais enormes, havia também filas de carros com os parabrisas quebrados. Alguém lhes informou que isso se dava pelo impacto dos cristais no cascalho fino que cobria o asfalto. E bem junto, vendedores de parabrisas, recém descobridores daquele filão de ganhar dinheiro, coisa rara naquele tempo e naquela região. Nas suas bancas toscas de comércio ofereciam também biscoitos de polvilho e envelopes de sal de fruta, uma novidade na ocasião, além de frutas encarapinhadas e olorosas, das quais nunca tinham ouvido falar. O garoto delas se lembrou, contudo,

como algo egresso de sua infância ainda mais remota, ditas como araticuns, ou algo assim, na terra do pai e como marolo, por parte da mãe.

A Nova Cidade os recebeu em torno de meio dia, num calor de rachar. A paisagem sempre dominada pelas tais árvores anãs, tortas e cascudas. O vento na carroceria do caminhão mais abrasava do que refrescava. Com os chapéus restantes e o grito escoteiro tradicional arrê, arrê, arrê, saudaram os soldados que vinham a pé do Rio de Janeiro. A estátua gigantesca e esquisita que os recebeu em algum ponto da estrada, já no território-alvo, não augurou a eles muito boa coisa.

Acamparam logo abaixo do Palácio que abrigaria os mandatários da República. Em frente um monumento com frase profética, mas apenas repleta de pretensões naquele momento: deste Planalto Central, desta solidão que em breve se povoará... A solidão era então evidente, pelo menos ao longo da estrada, mas aquela multidão que já ali se fazia presente por certo antecipava o povoamento anunciado. O tal Palácio não passava de um monumento estranho e cheio de pilastras em formato de letras “L” invertidas, colorido pela poeira vermelha, no meio da floresta curva, cinzenta e cascuda, que logo souberam chamar-se cerrado.

Não havia ali banho que merecesse este nome, mas para eles isso não fazia muita diferença, mas até trazia alívio, por lhes lembrar das obrigações que lhes eram impostas em casa. Para as necessidades mais imperiosas, o hediondo WC de uma cervejaria instalada num galpão provisório, ao lado do Palácio. Acabaram por descobrir – afinal eram destemidos pioneiros – um cano enorme, que vazava água em alto esguicho. Ao lado dele, meio atolados na lama, lavavam panelas, cuecas e o próprio corpo.

No acampamento sem árvores, a não ser pelo cerrado pouco generoso, já no primeiro dia se viram à beira de uma insolação. À noite, um frio siberiano. Como se tudo isso não bastasse, se viram assolados por uma legião de carrapatos, propiciando-lhes o intenso afazer de se coçarem, dia e noite. Isso, junto à pele queimada pelo sol, para qualquer um seriam as marcas do inferno. Os sacos de dormir, preenchidos com folhas secas, logo se mostraram como cavalos de Tróia para terríveis formigas. Mas eles, que afinal eram escoteiros, valentes, exploradores, estavam sempre alertas e não temiam os perigos da vida.

A segurança das saias das mães não lhes estava próxima agora, mas eles mesmo assim – e com alegria – se sentiam protegidos. Apesar do sol, dos carrapatos, da falta de banhos, das brincadeiras maldosas, das anacrônicas exortações à coragem, à macheza e ao estoicismo, próprias do movimento escoteiro.

Por muita teimosia o garoto voltou a tal paragem – e para morar – muitos anos depois. Naquele abril dos anos sessenta, entretanto, só não correram, ele e seus companheiros, de volta ao regaço materno, porque a querida cidade de origem ficava muito longe do terrível Planalto Central. Mas ficou a marca de tudo aquilo, muito mais pelo que teve de surpresa e felicidade do que o contrário. Viagem inventada no feliz, aquela, como é tão raro acontecer na vida de uma pessoa.

As calças do Judas

Há anos atrás, resultado de viagens por regiões insalubres deste país, contraí uma hepatite. Até que me curei logo; em duas ou três semanas já não tinha mais sintomas. O problema foi, para meu azar, que naquela época, na falta de medida mais resolutivas a tomar, os médicos colocavam os doentes hepáticos em longas quarentenas de repouso absoluto. E para piorar, não sei se exatamente os doutores, ou os defensores do senso-comum, ainda acrescentavam: faça isso ou você pode pegar uma cirrose! Puro exagero, mas não havia outra alternativa senão obedecer...

Na época eu era solteiro e minha família morava longe e assim não podia contar com pessoas próximas para cuidar de mim. Mas por sorte eu já tinha a meu lado a preta Luzia, que lavava minhas roupas e dava uma mão na arrumação do quarto e sala onde eu morava, pelo menos uma vez por semana. Menos mal, isso me salvou não só de uma solidão maior, pois meus poucos amigos, além de uma incipiente namorada, passaram a evitar o contato comigo. Também me foi de grande e prática valia, pois aquele estado de repouso compulsório – e acho que também compulsivo – que me foi imposto pelo médico, mal e mal me deixava sair da cama.

- Luzia, me traga um copo d'água, por favor...
- Luzia, pegue o jornal na portaria para mim...
- Luzia, veja se as contas do mês já estão na caixa do correio...
- Luzia isso, Luzia aquilo...

Um dia, junto com Luzia apareceu o Bené, seu filho, garoto de uns dezesseis anos, de olhos vivazes, sorriso fácil e, principalmente, grande – e talvez excessiva – capacidade de comunicação.

- Bom dia Seu Jorge, se o senhor precisar de alguma coisa pode falar comigo!
- Luzia endossou o filho:

- Pode contar com ele, seu moço, é esperto como quê e gosta de ajudar as outras pessoas.

De imediato não atinei com que tipo de ajuda o garoto poderia me dar, mas logo apareceram oportunidades para tanto:

- Bené, dá um pulo na banca de revista e veja se a Veja já chegou.
- Bené, estou precisando de um Sonrisal. Pega uns trocados e vá na farmácia para mim.
- Bené, vá na lavanderia e veja se meu terno já foi lavado e passado.

O rapaz era eficiente. Mesmo nas demandas mais demoradas, como era o caso de buscar uma encomenda nos correios, eu ficava impressionado com a rapidez com que ele ia e voltava – e quase sempre cumprindo com rigor e determinação o que lhe era solicitado. E até com certa criatividade:

- Seu Jorge, não tinha Sonrisal, eu trouxe Eno. Tá bom assim?
- A Veja da semana ainda não chegou, está atrasada, mas eu pedi ao Seu Joaquim da banca para guardar para o senhor que amanhã eu vou lá e pego.
- Legal, Bené, obrigado!
- Mas se o senhor quiser eu trago uma Playboy...

Curiosamente, ele parecia considerar as tarefas que eu lhe passava apenas como uma espécie de parte de um todo. E este todo consistia em observar o que ocorria ao seu redor nas caminhadas e vir correndo me trazer as novidades da realidade lá fora. Ou melhor, do que a ele parecia ser a realidade.

- Seu Jorge, hoje deu polícia no supermercado. Parece que estavam suspeitando de um estuprador escondido lá.
- E tem uns faveleiro descendo do morro e espiando as mulheres nos banheiros lá no clube.
- Diz que lá no Colégio das Freiras apareceram quatro alunas grávidas – e o suspeito é o Padre que vai lá dar confissão!

Neste capítulo das transgressões de natureza sexual ele se exaltava e a cada vez parecia querer superar a si mesmo:

- O padre agora fugiu, foi para a Itália, dizem que vai botar uma clínica de abortos lá.

- Aquelas meninas do colégio das freiras? Sei não, tem um bando muito sem vergonha lá.
- Esses dias vi o porteiro daqui do prédio jogando uns beijinhos para a mulher do Capitão que mora no terceiro andar. E ela parece que gostou...

Eita! O tal Capitão do terceiro andar era um sujeito prá lá de mal encarado, que tinha criado caso com alguns vizinhos em baixo e em cima dele, sendo odiado e temido entre os moradores, conforme Luzia, que trabalhava para outras pessoas no prédio, já havia me revelado. Eu via o tal sujeito subir e descer as escadas, num passo de marcha unida, sempre carregando na cintura sua pistola automática do Exército.

E Bené me trazia mais notícias, cada vez mais picantes:

- Não é que estava passeando no parque, lá para os lados da lagoa e vejo roupas de homem e de mulher escondidas atrás de uma moita?
- ...
- E adivinha, Seu Jorge, quem é que tava nadando nuzinhos por lá?
- Quem era, garoto?
- Hahaha nem imagina! O Capitão mas a muié do Mané porteiro!
- Não era o contrário esta história? O Mané mais a mulher do Capitão?
- Era também, mas agora vi que tinha chumbo trocado. Vê se pode...

Neste ponto da conversa, achei que era minha obrigação alertar o Bené, que eu não sabia ser apenas ingênuo ou mesmo mal-intencionado, quanto ao risco de se propagar fofocas, ainda mais se tratando de gente de má catadura, como certamente era o caso do tal Capitão. Ele deu de ombros...

Os dias se passaram, eu comecei a ficar sem náuseas, o apetite melhorou, minha urina voltou à cor de sempre, a namorada resolveu reaparecer. Enfim minha vida foi tomando o curso normal. Mas achei por bem não estimular a “criatividade” do moleque, porque eu já percebia que ele era movido pelo combustível da curiosidade. Mas eis que um dia ele me chega pálido e ofegante:

- Seu Jorge, tenho que dar um jeito de desaparecer daqui por uns tempos!
- Calma garoto, o que aconteceu? Suas histórias, garanto, estão complicando sua vida...

Ele então me revelou seu drama. Ele simplesmente resolveu pregar uma peça no Capitão, quando, segundo ele, surpreendeu os banhistas nus.

E escondeu as calças do homem, se mandando dali em seguida. Achou que estava a salvo, mas tinha acontecido uma coisa complicada. Ele havia cometido um erro terrível. Tanto que agora estava até com medo de ser morto por causa daquilo.

- Desembucha garoto infeliz! O que aconteceu?

- O senhor não imagina. A moçada da rua estava preparando uma festa junina e iam queimar o Judas. Mas precisava de roupas para fazer o boneco e faltava justamente uma calça. Eu sabia onde tinha uma escondida e fui buscar...

- Caramba! E aí?

- Aí vieram me contar: o Capitão passou por lá e danou a perguntar a todo mundo quem é que tinha trazido aquelas calças para o Judas que ia ser queimado.

- Tá maluco, Bené...

- E não teve um infeliz lá que me dedou? Falou pra ele que fui eu que apareci com aquilo!

- Se deu mal, hein...

- E agora o que eu faço? O Senhor não podia me esconder em sua casa por alguns dias?

- Vou pensar...

- E agora o que eu faço! Minha vida vai se acabar!

Ó dilema! Morando neste apartamento de um quarto, onde mal consigo espreguiçar de forma confortável, mal e mal recuperado de uma hepatite, com a namorada agora a me procurar cheinha a de amor prá dar... Logo nesta hora me aparece um pedido assim, homiziar um quase assassinado!

Só mesmo me escondendo por alguns (ou muitos) dias.

E agora, o que 'eu' faço? – É o que me pergunto.
